

Beati immaculati
en via...

Liber Psalmorum
CXVIII - 1 -

Caudis facies.

ris - 31 - XII - 17



OSA : MYSTICA : SYMBOLO
TRAGICO : DE : JULIO
AFRANIO : IMPRIMIDO : EM : LEIPSIG
: ALLEMANHA : MDCCCC : : : :



869.0 (81) PEIXOTO, A
PEI

1.000

HYMNARIO

I

ROSA MYSTICA

SYMBOLO TRAGICO

DE

JVLIO AFRANIO

DO MESMO AUCTOR

HYMNARIO:

ROSA MYSTICA

MYRTO ENAMORADO (em preparo)

LIZ IMPOLLUTO (em preparo)

LOIRO FRUCTESCENTE

CAMINHO DA MORTE (PARABOLAS

MYSTICAS — a publicar-se)

OS GUIAS (SYMBOLO TRAGICO — a pu-

blicar-se).

A GABRIELE D'ANNUNZIO,
A MAURICE MAETERLINCK,
A EVGENIO DE CASTRO,

A TRINDADE SANCTISSIMA

QUE EU ADORO

C.

... la morte sola può preservarti da
ogni ingiuria vile..

GABRIELE D'ANNUNZIO,
Le Vergine delle Rocce, p. 192.

Impressa distante dos carinhos do auctor, a *Rosa Mystica* nodou-se de imperfeições varias de pontuação, inversões pronominaes, trocas de letras e erros outros, que seria difficil apontar, completamente, numa emenda, e para os quaes se supplica a indulgencia do leitor.

Desde que me preoccupo com esse problema arduo do Feminismo, o mais interessante de quantos turbilhonam a mente contemporanea, uma verdade se me impõe, tenaz, obsedante, e que não tem sido julgada, mesmo pelos que mais adiantados tem roteado o caminho das idéas novas. Esforços generosos de consciencias sublimadas debatem-se nessa campanha violenta de reivindicações femininas, mas ante a esphyngue formidavel retrahem-se, tomados da covardia das consequencias . . . , philosophos, pensadores, pamphletarios, propagandistas que receiam chegar á ultima conclusão de uma idéa, a que a logica os conduziria fatalmente mas de que os afasta a sua meia fé de scepticos e pusillanimes. Realisem-se todas as reformas possiveis, abram-se de par em par as represas de todas as emancipações, e ainda assim, a mulher continuará es-

crava, pois não teremos abolido a mais pesada de todas as servidões que a degradam—a servidão do amor. Por ella, pelo amor, nós a teremos sempre jungida ao carro de nosso triumpho. É della sobre tudo que é preciso libertal-a.

A miseria economica gerou a individualização economica da mulher e tralhe-á um dia a egualdade aspirada; a miseria politica gerará em alguma hora a liberdade redemptora, é tempo que os novos obreiros se empenhem neste combate supremo pela fraternidade moral que a libertará da servidão do amor—o jugo mais pesado que ainda viu a face da terra.

Sei bem que estas palavras serão averbadas como a traducção reveladora de um espirito doente... As utopias, as vesanias de um dia, sei tambem, que o foram em outros realidades fructescentes. Não me punge a repulsão violenta que o estreito bom senso contemporaneo possa lhes dar... Os homens ainda não podem e não querem ver. Um dos maiores delles neste seculo, nos dominios do pensamento, que viu tão longe e tão largo, que nunca recuou diante do mais absurdo paradoxo, escreveu palavras de uma opacidade deploravel, de uma curteza

mesquinha.⁽¹⁾ “O homem, ensina Zarathustra, deve ser criado para a guerra e a mulher para descanso do guerreiro: tudo o mais é loucura.” “A felicidade do homem tem nome: eu quero. A felicidade da mulher tem nome: elle quer.” Que esperar dos outros, dessas mediocridades acanhadas que pollúlam ahi affrontosamente e que dirigem o mundo?

Se não a exprimi bem, ahi está em todo o caso uma idéa.

(1) FRED. NIETZSCHE, Werke, Leipzig, 1895—1897. VI, 96.

FIGURAÇÕES

ATMA

EGREGOR

NEHEM, um viandante

UMA VELHINHA CEGA

UM LAZARO

SOMBRAS, VOZES . . .

I

Quam pulchra es, et quam decora . . .!

Canticum Canticorum,
Caput VII, 6.

Estende-se no alto
de um azul es-
maecido, lavado de
uma claridade tibia
e moribunda, a bea-
titude infinita de
uma tarde estival...
Nenhum sopro agi-
ta a laçaria dos ra-
mos verdejantes e
das grinaldas flori-
das ... O sol meta-

lisa ainda o enfolhamento do cimo das laranjeiras disciplinadas numa symetria cuidada, quedando-se immotas e abrindo-se em festões de florescencias brancas e perfumosas. No fundo uma pequena habitação de uma simplicidade elegante e exquisita, levanta para o ar suas paredes alvas e um minarete soerguido immerso ainda no oiro fluido do poente. Em frente, um horto velado por mão amiga pompêa festivamente nas cambiantes polychromas de suas flores. Riem alegres purpuras orgulhosas de rosas rubescentes, de rainunculos sanguentos, de cravos escarlates; silenciam

humildades mysticas de lyrios contritos, de magnolias impollutas, de camelias lymphaticas, de jasmins desmaiados em leitos de pequeninas folhas verdes; entristecem mirtas de lilazes tintas a espaços da cor suave de seos cachos floridos, saudades maceradas como viuvias inconsolaveis, violetas acolhidas no seio da sombra de suas folhas, symbolos do orgulho mudo e selvagem. Olham tristemente com olhar parado e morto os grandes helianthus, de pé, do alto da umbella amarellenta de sua enorme corolla.

Um perfume vivo e morno, essencia requintada e entorpecedora embalsa-

ma o ar tranquillo.
Um repuxo semeia
gottas de cristal
numa bacia glauca
na qual estes dia-
mantes boiam um
curto instante, fun-
dindo-se depois na
massa liquida. Que-
bra a atonia lethar-
gica deste recanto
solitario o trillo
persistente e claro,
agudo e firme com'
uma ponta de aço,
de um grillo, ani-
nhado na fenda de
uma pedra e des-
fiando uma risada
continua de cristal.

ATMA debruçada
sobre a bacia de mar-
more, contempla
sua imagem no es-
pelho glauco e con-
serva as duas mãos
pequenas e alvas im-
mersas n'agua rece-
bendo uma caricia
humida e fluida ...

EGREGOR contem-
pla-a absorto alguns

instantes, irradiando em extase e sem ser percebido por ella, pensa alto, olhando-a enternecido.

É minha vida: a luz e a harmonia de meos dias. Quando me olha de seos grandes olhos humidos, não cuido ver pedaços de céu profundo e vago que me envolvem de sua doce claridade? Na sua fronte branca não se lê a confiança de dias felizes, sonhos de uma ventura perfeita? Em seos labios não erram pensamentos puros como os que voam na bocca dos anjos? Não é tão bôa, não é tão perfeita?

Em sua alma nunca poisou uma idea má; nunca um véo toldou a serenidade de suas alegrias. Marcha no caminho tortuoso da Vida sem ter conhecido o mal, sem ter defrontado o vicio... Para ella tem sempre a Natureza alegrias de luz e risos de flores, cantos de passarinhos e raios pallidos de luares môrtos.

O mundo que vê de longe, cujo agitar convulso sente como o rumor de uma onda que se quebra, parece-lhe

um jardim habitado por anjos como ella, illuminados e santos.

Não julga todos os homens capazes de uma alta dedicação e de um vasto amor? dispostos ao sacrificio mais alevantado para que a tristeza não a fira, como faz o pobre velho com as urzes do caminho, ensangueando as mãos nos cardos que arranca, para que um espinho não lhe magõe um instante alegre com sua agulha venenosa?

Quando o somno avoeja-lhe sobre a cabeça, é sobre o peito envelhecido em que as amarguras riscaram fundos caminhos de dor, que dorme o primeiro somno, emballada pelo movimento pausado e lento de um coração cançado de lutar, mas feliz porque vive impregnado della, de sua imagem, de sua alma. E depois quem lhe sentinella as noites para que, as sombras más, os pesadellos, os sonhos escuros não perturbem instantes de paz em que esvae-se pelo emparadisamento das felicidades aspiradas?

E o pobre homem que soube soffrer tanto não se denuncia feliz, pago de todo um passado triste, soffredor, hau-

rindo no seo halito, nas linhas rythmicas de seo rosto, nas tranças ondeantes de seos cabellos, na calma de seo somno, no perfume que se desprende de sua alma, todas as alegrias que podem chover dos ceos sobre uma alma humana?

Sombra querida da Eterna Ausente não te sentes satisfeita por encontrares numa bella realidade a Perfeição a que aspiraste?

Um pequeno silencio se immedia, durante o qual na imaginação passalhe a doce sombra evocada.

E nas horas em que me sangra a tristeza, a lembrança da companheira de tantos annos, a Dôr, que se me enviuvou por momentos, mas que me recordam sempre os destroços arruinados em minh'alma, nestas horas em que vivo no passado não são seos risos que debandam esses pezares? e se choro, quando suas lagrimas se derramam e se misturam ás minhas não parece que o chorar é mais dôce, não esqueço a Dôr, a companheira de tantos

annos e que me abandonou por momentos?

Bemdito sejas tu, bom Deus que cicatrizas as chagas de uma vida inteira, dando ao pobre um balsamo para cural-as, uma alegria para esquecer-as, um conforto para animar uma velhice cançada, como um raio de sol doira um canto esquecido na sombra.

Bemdito sejas tu, semeador divino das dores, que dás aos que soffreram muito um coração para amar ainda mais!

Bemdito sejas tu, meo Deus!

ATMA tendo-o dividido levanta-se apressada, sobraça a cesta de flores que lhe fica aos pés e corre para elle.

Pae ... Pae ... buscava-te para contar uma coisa triste ... um presagio funesto ...

EGREGOR

Um presagio funesto?! ...

ATMA, retirando da cesta uma ave-sinha morta, sepultada sob flores:

Vês esta andorinha morta! Doidejava numa alegria irrequieta, golpeando como uma flecha negra o espaço azul, e depois a illusão da claridade embateu-a de encontro a parede de nossa casa e ... cahiu morta.

Pobre andorinha, voava para sua chimera branca e a fatalidade trançou-lhe o caminho ... Não é uma grande desgraça? Tive o presentimento de uma enorme desgraça e tive medo ... muito medo ...

EGREGOR

É uma pequena imagem da vida, filha! Quantos de nossos sonhos morrem esboroados de frente á fatalidade inexoravel? Quantas vidas desaparecem por não se poder realizar o seo sonho? O Destino é um tyranno cruel que corta as mais bellas esperanças, apara as azas mais fortes, apaga o brilho mais intenso, destróe a fé, haure a coragem, desvirisa o animo ... espera-nos, meio de nossa estrada, vedando que nos acheguemos do fim aspirado. Este muro duro e frio é um symbolo da fatalidade feroz e impassivel ... susterá muitos outros vóos

arrojados e converterá numa porção de penas frias muitas esperanças ardentes . . .

É a vida . . . é a vida.

ATMA

É para que a pobre morta tivesse uma pequena compensação de sua felicidade cortada sepultei-a sob flores. Ao menos será feliz na Morte e terei sempre uma lembrança piedosa para ella. Cavarei num canto do jardim seo ultimo ninho e um junquillo enflorirá seo tumulo.

Passa um silencio, reticenciando estas palavras comovidas . . . Contemplando o pae mudo e apprehensivo.

Mas que? Te entristeces?

Minha pequena historia fez-te mal? Doe-te muito a sorte da pobre andorinha? . . . Não te quero triste . . . Devia ser hoje um dia de festa. Não te quero triste. Esqueceste que hoje é o meo natal . . . não te lembras mais? Não sabes que hoje prestigio um magno mysterio? que a menince me aban-

dona e que vou trocar loucuras de criança pela austeridade de senhora? Responde.

EGREGOR queda-se silencioso evitando denunciar uma emoção que o assalta.

ATMA, abraçando-o

Porque te entristeces? Alguma dor te lanceia? Diz-me tudo, é preciso consolar-te. Porque soffres mudo e só? Esquêces que o sentimento partilhado é menos doído e que um coração ferido carece mão amiga que o cure? Falla, me angustias... (*beija-o com ardor*).

EGREGOR

Sim... tantos pensamentos tumultuarios e tristes que me assaltam... Perdôa-me filha, vieram-me lagrimas, sem que eu as quizesse, fiz um esforço para retel-as, mas são insubmissas. Tenho o coração cheio, macerado pelo seo ardor... transbordam, queimam-me a face.

ATMA, afflicta

Mas porque choras?

EGREGOR, olhando o céu

Ó Deus como em um instante cavas um abysmo tão profundo de tristeza e de dó? Porque infernal poder transmutas um contentamento em dor funda, que parece reprezada ha séculos por um dique agora desatado? Porque ha de a dor ser o extremo acerbo da alegria, mais viva?

ATMA

Pae! tu me affliges, diz-me tua pena... porque me fazes soffrer assim? Revela-me o que sentes para lavar tuas dores com minhas lagrimas, enxugar tuas lagrimas com meos labios...

EGREGOR

Perdôa-me, filha... foi pensando nas esperanças que enrosavam teo natal, que me senti logo prender á tristeza que marcha atraz de nossos momentos felizes; senti talvez pairar ao longe a sombra da companheira que volta; ouvi talvez o surdo caminhar de seos passos e inerte e fraco chorei por ti, fiz-te chorar minha filha...

ATMA, affagando-o docemente.

Esquece tudo isto, lembra-te só que és meo, que somos felizes hoje, tu inundado de meos consellos, eu abençoada pela claridade doce e infinita de teu olhar. Esquece, sim ...

EGREGOR entristecido ainda, mirando o chão persistente.

E amanhã?

ATMA

Amanhã?! qu'importa amanhã? porque não cuidará de nós o Deos que tinge as auroras, que chove o perfume nos lyrios, que ensina notas aos passarinhos? Sê feliz hoje, homem sem fé (*beija-o vezes repetidas*).

EGREGOR

Homem sem fé, disseste; e pode tel-a um homem ainda, quando tem soffrido tanto, quando a Dôr surge subitamente diante de si, no caminho que seguia, encobrindo a visão que o chamava lá no fim da estrada, acenando-lhe com o seo lenço branco?

Pode ainda esperar quem o Destino feriu com o aspero dos desenganos?

ATMA

Não falles assim. Porque não serás feliz de hoje por diante como foste nestes momentos proximos? Porque has de buscar a lembrança de um passado morto se tens um presente risonho e um futuro que te acolherá abraçado áquella a que tens dado a vida e que te dará a sua para poupar-te um gemido? Não chores mais (*beija-o de novo*).

Vês... hoje nos alegraremos muito... Vestirei de rosas, de lyrios, de hortensias, de violetas rôxas toda nossa casa... Iremos ver morrer o sol atraz das escurpas das rochas e a lua subir pallida e fria envolta no prestigio de uma ascensão mystica, derramando a prata de seo olhar languido nas aguas atadas do lago somnolento.

Rendilharei na harpa um rythmo lento e novo, uma caricia humilde, mas ardente, como um beijo que implora e affaga, a historia de um grande Amor silencioso; desfiarás no violino uma torrente de vibrações frementes

em que bordarei uma phantasia magnifica, o sonho soberbo de um destino grandioso e triste, tragico e sobrehumano; e juntos, faremos crescer uma floresta sombria de altos pensamentos musicaes em que nossas almas se esquecerão a si mesmas. Isto só te curará.

A musica tem a revelação dos mysterios vedados que conduzem a Alma alem da Existencia Percivel na beatitude infinita do Sonho, na essencia recondita da Vida Universal . . .

Nesse lethargo supremo afogaremos todos os cuidados e acolhidos ao Irreal dormiremos abraçados, tu apoiado em mim, eu apoiada em ti, tu pensando em mim, eu sorrindo e pensando em ti.

Agora quero ver-te rindo.

EGREGOR ri-se tristemente.

ATMA

Vou enfiar nossa casinha para vel-a alegre. Um beijo ainda.

Beija-o e corre abraçando a cestinha de flores, derraman-

do jasmins pallidos
pela estrada.

EGREGOR só, im-
merso em pensa-
mentos lugubres
tem uma convulsão
acerba nos labios.

Um presagio funesto . . . sim um pre-
sagio funesto . . . um aviso da Dór . . .
Amanhan . . . que será amanha?

Pobre filha, tu não comprehendes
quanta surpresa lastimosa e tragica
nos reserva o dia de amanha, como
hade sobre nós descer abafando-nos
em seo seio escuro o nevoeiro funebre
da desgraça, como nas horas cinzen-
tas do Crepusculo desce, lento e lento,
o véo pardacento da noite solitaria.
Que vento frio e aspero passará por
nossos ouvidos, crestando nossas po-
bres almas, alegres num dia, lagri-
mosas nos outros.

Não pensas que sommas de triste-
zas pesadas nos guarda o futuro, im-
penetravel, sphingico, que hoje como
o espelhamento de cristal de um lago
retrata nossa imagem vivamente, mas
que amanha a apagará, morta e per-
dida, para, abrindo a fauce desmedida,

deglutir-nos no seo ventre lobrego e frio de abysmo, quando o cyclone da desdita que não tarda, nos atirar para elle sem piedade.

Vives, pobre flor, esquecida que, peregrinos da Via Lacrymosa, os risos custam prantos de sangue, que a alegria da hora que passa é comprada com a Dôr de amanha que virá nos romper a Alma.

E confiante, e descuidosa, marchas para a miragem fascinante que te acena ao longe, que te abre os braços, que te estende os labios para um beijo, mas te abandonará quando abeirares della, que fugirá em lhe estendendo os teos braços, e sentirás então o vacuo em redor de ti, um vento frio soprará um lamento aos teos ouvidos, e só, e triste, o coração gôtteando sangue, encontrarás a teo lado a Eterna Companheira do homem na Terra — a Dôr — que se assentará sobre tu' Alma, esmagando-a com seo peso, macerando tuas palpebras para dellas expremmer de teos olhos o fel rôxeado de lagrimas inuteis que cahirão tantas, tantas, deixando em tua face um rastilho de brazas.

E o que viveu para afastar as sarças espinhentas de teu caminho e te accendeu n'Alma os velarios inextinguíveis da Bondade e da Fé, sentir-se-á dobrar ao peso dest'angustia e morrerá de desespero, os labios rasgados numa injuria suprema á Miséria Cruel.

E que será de ti então?

Virás a provar todas as tristezas da Terra, todas as corrupções dos Homens, todas as lepras d'Alma e ninguém, ah ninguém! estará a teu lado para chorar contigo . . .

Além tumulo, na podridão immunda e fria, inerte e impotente, verminado e diluido, mas pensando ainda em ti, quanto soffrerá a carne morta para quem foste a vida?

Condemnado, pobre velho desfeito, quantas lagrimas terás ainda de chorar? E ris? . . . Para que, se nenhum Conselho Amigo, amanha t' enxugará esse pranto inconsolavel e inextinguível? . . .

Emmudece e chora . . . Do ceo se entorna a tinta dos crepes funebres da

noite. Ardem no
alto cirios mortua-
rios. Um câo sinis-
tro, uiva um lamen-
to prolongado.

Na sombra tra-
gica ha um bater de
dentes e um choro
conyulso . . .

Eu tenho frio! . . . eu tenho frio!
eu . . . tenho . . . frii . . . ii . . . io . . .

.....

II

... hoc vanitas et miseria magna est ...

Ecclesiastes — Caput VI, 2.

Hora morta, de torpor somnolento, de desanimo invencivel. Tudo silencioso, immovel, triste, como ankylosado numa attitude de desalento e de magua. Flores descoradas enlanguescem, folhas brunidas pela luz pendem de peciolos flacidos; da terra

sobe um effluvio estuante, desce do azul uma causticidade implacavel. As arvores do pomar projectam a espaços grandes chagas escuras de sombras sobre a terra ardente. EGREGOR apoiado na enxada de trabalho divisa na estrada poeirenta que se abeira perto, um viandante esmorecido, cançado, inerte, sentado num bloco de pedra e a cabeça inclinada, arrimada nas mãos. Em seo rosto empallecido sulcam traços fundos de fadiga e de dor. Vem talvez da Grande Cidade e traz nos olhos humidos, luminosos e negros vestigios do canção das longas vigílias de goso e nos labios a dobra

amarga e aspera
com que o mal, lá
distante, queima as
almas.

O velho approxi-
ma-se e dá á voz
uma inflexão cari-
ciosa.

EGREGOR

Estás doente?

O VIANDANTE

Sem olhal-o e cus-
tosamente.

Não ...

EGREGOR

De onde vens?

O VIANDANTE

De longe ...

EGREGOR

E para onde vaes?

O VIANDANTE

Não sei ... para longe ...

EGREGOR

Não queres descansar? Não tens
sêde? Ali, além d'aquellas arvores ha

uma sombra amiga e um tecto hospedeiro que te acolherá. O sol doe tanto ... e estás tão desfeito ...

O VIANDANTE

Não ... de nada careço ... proseguirei.

EGREGOR

Porque este amargo desconforto? que te falta, meo filho?

O VIANDANTE

Não sei; ... a vontade ...

EGREGOR

Que soffres?

O VIANDANTE

Não sei; ... a vida ...

EGREGOR

Falta acaso o alento para a lucta, esse fogo que roboresce as almas fortes e lhes dá a victoria na vida?

O VIANDANTE

Deixa-me ... és um louco, um visionario; acreditas na victoria da vida ...

EGREGOR

Para que fallas assim, tu que não sentiste ainda a vida, que ainda não soffreste?

O VIANDANTE

És velho e não comprehendeste já que a Dôr é insuperavel, que todo esforço é inutil e que é na renuncia da lucta que se acha o Bem na terra?

EGREGOR

Quem te plântou n'Alma esse nihilismo atroz, esta desillusão aspera que esterilisa o homem?

O VIANDANTE

Que importa? ... Frontes enneveadas na cogitação das coisas actuaes, Almas maceradas improficuamente no soffrimento, boccas torcidas por um travo amargo, mas que não mentem ... E eu senti a verdade e fujo do mundo porque ali mora a Dôr.

EGREGOR

Enganas-te, meo filho. Busca a agua viva lustral da redempção para lavar esta mácula com que te sujaram, esta

peste que te queima e que os lazardos te contaminaram.

És moço. És forte. Tem animo. Caminha. A lucta é dolorosa, mas a inercia é covarde; a uma segue a alegria radiosa do triumpho, a outra tem o desespero infinito do tedio.

Conserva religiosamente em teu peito como um velario sempre acceso, uma alegria para illuminar um instante doloroso.

Quando a Dôr te assaltar em teu caminho, soluça e chora, mas não desesperes nunca; esse pranto amargo fará brotar uma confiança mais impetuosa ainda e um'alegria serena te transfigurará.

É a Dôr que afina a Alma das oxydações corruptoras. O Soffrimento Humano é a fornalha ardente que depura, comburindo-as, todas as pequeninas fraquezas, lia vil de nosso character. São quantidades necessarias da equação humana. Deve ser assim.

Não vês que os dias mais luminosos succedem sempre ás noites mais escuras e que as estrellas luzem mais quando engastadas em uma treva densa?

O VIANDANTE

És um velho demente. Não sentiste que a vida é uma longa noite tormentosa e que o dia luzente de que fallas só existe no Nada?

EGREGOR

Elles te enganaram, meo filho. Esquece-os e amaldiçôas-os, porque te envenenaram a Alma.

O VIANDANTE

Eu já comprehendí a vida como aquell'Alma inspirada que pensou o Ecclesiastes: "Tudo é vaidade e afflicção d'espírito."

EGREGOR

Não. A vida é um dom inestimavel que os homens transformaram em uma dôr continua; forcejemos para tornal-a uma alegria eterna. É porque não serás um operario dessa transmutação? É o teo dever. É o dever dos que vivem. A renuncia á lucta é a continuação da Dôr e tu que és moço e forte bem podes empenhar a tua vontade para um dia attingirmos o ideal.

O VIANDANTE

Mas se todo esforço é doloroso, se a vida é uma Dôr continua para que devo eu quebrar as minhas energias e depois cansado e soffredor, morrer de miseria e de dô tendo embora n'alma a esperança chimerica de um triumpho remoto?

EGREGOR

És egoista e máo. Recusas o teu valor, porque não tens a certeza de triumphar nos dias de uma vida precaria; amaldiçôas um dom que desconheces e que poderias tornar melhor ... tu que nunca soffreste, que nunca encontraste o mal.

E se queres um premio, que melhor premio, se ao Bem não basta bem-fazer, que viver immortal nas paginas do grande Leccionariô onde a Historia guarda inalteraveis as essencias preciosas de Augustas Memorias, ter o nome insculpido na frontaria solemne do Templo que a Idolatria destinava aos Deuses e aos Santos e que a Justiça reservou aos que illuminam a trilha ensombrada á Humanidade, aos Uteis á sua progressão atravez das edades?

Contempla o mundo: ahí encontrarás muita dor silenciosa, muito pranto mudo, muitas Almas a quem a Fortuna nunca sorriu um dia, a quem a Fatalidade perseguiu sempre infatigavelmente, para quem a natureza foi impiedosa e roubou a integridade physica e deu chagas e dores aos membros deformados, e que entretanto, simples porém energicos, forcejam noite e dia no afan da lucta incessante tendo sempre no mais acerbo de seo soffrimento um clarão de esperança, confiando sempre nesse *amanhan* impenetravel. Seos labios nunca se fenderam numa imprecação queixosa nunca amaldiçoaram a natureza, nunca blasphemaram injurias violentas; são humildes, são resignados, soffrem sempre mas esperam sempre. Não vês ao longe n'aquella erma solidão um vulto humano vivificando a paizagem desolada? É um velho curvado sobre a enxada, cançado e soffredor, mas invencido. Foi moço e foi forte, teve saúde e beijou muitas boccas, teve alegrias e gerou muitos filhos . . . hoje, tem sessenta annos, está cançado, sem forças, minado pela molestia, morre-

ram-lhe quasi os affectos, no seo coração enxameiam cruces mortuarias, tem uma pobre mãe, velhinha e cega e um pobre filho, um lazaro disforme; a miseria bateu-lhe ás portas ... mas continúa lá na lida fadigosa; sempre o mesmo. As aves do ceo roubam-lhe as sementes das covas, a terra ingrata e esteril afoga a semente em seo seio, o sol, que derrama a fecundidade para todos, cresta-lhe as plantinhas que vingaram mas elle é sempre o mesmo, imagem viva do Soffrimento Humano, symbolo mudo da Resignação Activa, nunca deixou abrirem-se os labios num grito de maldição, nunca renunciou á vida dolorosa e quando semeia, uma esperanza lhe illumina o rosto. Confia nessa messe abundosa da Redempção que sua Vontade lhe promette ...

Como, pois, começas a viver desalentado, sem animo, sem energias, medroso e covarde, recusando-te ao dever, á obra ingente a que és associado?

Que fizeste até hoje por ti e por teos irmãos?

O VIANDANTE

Eu?!... fazer o que? Que devo ao

mundo para me sacrificar a elle e lhe entregar minhas forças? Para vel-as desfeitas, impotentes, improficuas? ...

EGREGOR

Assim diz o egoismo, a avareza pequenina de uma vida mesquinha, assim devem dizer o parasita e o verme que se apegam a um organismo extranho para delle sugar a vida, os que procuram expoliar, arrancar, devastar sem um esforço para a obra de reconstrucção, sem uma lembrança terna para os que no passado lhe prepararam a vida, sem um olhar agradecido e compassivo para os que no presente buscam na terra uma alegria inextinguivel. Despe esta lepra que te afasta dos homens, porque egoista mesquinho e covarde, tu é que és o máo e o desprezivel, porque és o inutil. Em vez desta tristeza sombria que te devora e que te anihilará, obscuro e esquecido, levanta e caminha transfigurado no apostolo da Esperança, irradiando em derredor de ti a luz divina do Bem e deixando na memoria do Tempo o rastilho de uma Sagração Immortal.

Faze a terra sáfara cobrir-se de fructos, a agua viva brotar dos rochedos adustos, a fé luminosa boiar no olhar afflicto e o riso florescer sobre os labios torcidos.

Semêa o bem pela tua estrada; elle resurgirá cristalisado numa alegria cantante. O maior prodigio do mundo, mira digna de um esforço titanico, consiste em fecundar a aridez, extrahir da magua o riso e buscar a vida no proprio seio da morte.

É a bella missão. E a Alma Enthusiastica não carece para a jornada difficil mais que um Viatico:—a Esperança.

O VIANDANTE

Pobre velho louco ... tuas palavras são vans; o vento as varre; nenhum echo as repete; eu as esqueço ... perdes o teu tempo ...

EGREGOR

Não importa ... continuarei ... Dizes-me uma palavra? Que esperas de teu nihilismo, de tua renuncia?

O VIANDANTE

A Paz ...

EGREGOR

A Paz só existe para os que luctaram. Tu abandonas a lucta e covarde fugitivo procuras a quietação e o repouso ... Sabes o que te espera? O Tédio ... Sabes o que é o Tédio ...

O VIANDANTE

Um monstro que devora homens vivos ...

EGREGOR

Homens não, transfugas inertes. Elle te espera.

O VIANDANTE

Abrindo os labios
num sorriso ironico.

Eu o esperarei ...

EGREGOR

E quando elle te atormentar?

O VIANDANTE

Procurarei nos prazeres, no amor, a alegria de um esquecimento para o meo Tédio. O meo philosopho disse-me: "o homem coisa nenhuma tem melhor debaixo do sol, do que comer, beber e alegrar-se"; "goza da vida com a mulher que amas".

EGREGOR

Mas estes prazeres, este amor custam esforços e sacrificios inauditos. O amor que tu conheces é o Amor-odio-tedio, odio implacavel, velado embora por uma apparencia feliz. As hyenas têm tambem um riso, riso feroz quando afiam os dentes para cravar na presa. É feito de estos, arroubos, violencias, convulsões, suspeitas, duvidas, desesperos, repriminações, espasmos, desfallecimentos. É o prazer esteril, atormentado, cançado mas insaciavel, uma contorsão epileptica do odio, que começa n'uma aspiração fallaz, miragem allucinatoria de uma felicidade desejada e termina na realidade impassivel do esgotamento desconsolador do Tedio.

O amor que tu conheces é o amor-odio-tedio.

Não conhecerás o amor innocente, sereno, radioso, o amor fecundo que cria, que propaga, dissemina e esparge sobre a Humanidade a florescia feliz de todos os gosos...

O teo de mundano complicado é o amor-odio-tedio.

E todo odio é uma lucta, lucta ac-

cesa e violenta, mais soffredora que aquella que abandonas no mundo. A esta seguir-se-á a paz serena da alegria victoriosa, a outra, a do amor terá como termo o tédio da saciação, o desgosto do esgotamento, o mesmo odio ainda, mas já sem a mascara mentirosa.

O odio e o tédio — a dôr sem remissão — eis o que te espera. E preferes os soffrimentos improficuos? As lagrimas inuteis são as mais amargas...

O VIANDANTE

Quando um amor me aborrecer, buscarei outro amor, um outro mais, mais amores ainda. Uns curarão as feridas dos outros.

EGREGOR

E as almas soffredoras que engardes para alcançar um bem mentido e que deixarás miseraveis depois?

O VIANDANTE

Que importa? Soffram. A vida não é uma dor continuada? ... Basta-me que eu pense em mim.

EGREGOR

Oh! tu'és abominavel, máo, infame!...
Vae, vae teo caminho!...

Pallido e tremulo
afasta-se apressada-
mente murmurando.

Está perdido ... a peste o devora ...
está perdido ...

O VIANDANTE

Ri-se do effeito de
suas palavras e sen-
tindo-o affastar-se,
chama-o.

Velho! ... velho! ... volta ... nem
tudo está perdido ainda. Vem, diz-me
mais algumas palavras de fé.

EGREGOR voltan-
do-se em sua direc-
ção.

Não ... não ... tu estás perdido ...

O VIANDANTE in-
sistente.

Vem ... vem ... és um homem bom.
Dá-me mais uma palavra amiga, um
conselho.

EGREGOR

Já te disse tudo. Não ha mais nada...

O VIANDANTE

E recusas por um momento, por algumas palavras salvar talvez uma Alma? (*á parte*) Estes termos vãos de sentido exercem sempre uma grande influencia sobre os ingenuos. Elle virá.

EGREGOR volta e fita-o suspeitoso.

Não queres rir de um velho rude, mas sincero? Não seria nobre.

O VIANDANTE

Não, não sou tão vil ...

Falla-me mais. Diz-me agora o que deveria eu fazer; uma rota a seguir, mostra-me ...

EGREGOR

Já disse tudo ... Entrega as revelações da Energia em ti accumuladas á obra que os teos maiores te deixaram ... Congrega-te aos homens de bôa vontade para destruir os obices que atravancam o trilho por onde a Humanidade terá de enveredar no Futuro. Conheces os Revoltados? É delles que dependem todas as transformações sociaes, porque são os que não se curvam nunca ás abominações

dos homens e insurgidos contra a Mentira buscam o dia em que possam cantar a Ode Triumphal da Reivindicação. Cada dia um tem o seo triumpho. Empenha teo esforço para que o triumpho seja de todos.

Lucta, cança, morre, mas ao tombar, mesmo esmagado e vencido, alegra-te com a esperança que tua raça colherá de teo sangue a flor de teos sonhos. As grandes Utopias são flores que só vicejam em sangue. Dá o teo para que embora tardiamente ellas sejam um dia realidades fructescentes. O mundo carece desse sacrificio e desse holocausto.

As idéas são fecundadas pelo sangue dos Martyres.

O mundo não se convence só com a palavra e com a razão. Ha entre os homens uma vasa poderosissima, estanque e immutavel, ha individuos obstinados que mesmo vendo não creem, que ouvindo esquecem, que sentindo negam e só um meio existe de evital-os, anniquilal-os para seguir avante. Se as montanhas fossem respeitadas quando poderia transpol-as a locomotiva? Com o alvião, com a alavanca,

com a dynamite desfaçamos os obstáculos, cavemos o tunnel, para ir-se adiante. Foi preciso correr o sangue de uma extensa litania de martyres para que o homem conhecesse o Ideal— o Bem, que a espada, a força, a guilhotina agissem para surgir essa flor de sangue: a aspiração da liberdade politica.

O socialismo se debate nos comícios, nos pleitos, na imprensa, nos parlamentos ... talvez seja preciso a propaganda-pelo-facto do anarchista, a depredação pela dynamite, explodindo e fazendo ruir o edificio social, para se conseguir o nivelamento da egualdade economica.

Ha de chegar o dia em que os cruzados do bem, com a palavra, com o exemplo, com a violencia se for preciso, tragam ao mundo este extremo em que o ideal humano se confunde com a promessa divina:—a fraternidade moral.

A liberdade politica não existe ainda, a egualdade economica é uma aspiração, a fraternidade moral é um longinquo sonho ...

O esforço humano deve convergir

para a realização desses ideaes distantes. O dia tardará, mas ha de vir.

A Verdade e a Justiça serão os dois pólos da Terra, extremos desse eixo omnipotente — a Solidariedade Humana, a Paz choverá serenamente dos ceos e sobre o mundo florirá uma Alegria vivaz e imperecível. Então só faltará a Morte para integrar a perfeição da Vida!

O VIANDANTE desata um riso de ironia caustica.

Bem. Já me diverti bastante. Vae agora buscar quem te ature até a noite. Mais juízo, meo velho, mais juizo . . .

Levanta-se e retoma, rindo sempre, a estrada abandonada.

EGREGOR queda-se entristecido e afasta-se.

Tu chorarás . . . está perdido . . . está perdido . . .

Volta o velho afflicto ao trabalho interrompido, pen-

sando neste triste
espectaculo que de-
frentou. Sombras de
pensamentos tristes
passam . . .

EGREGOR

É assim. Está ahi a perfeição es-
tratificada de seculos, a resultante final
de uma longa lucta pela civilisação.
Este deploravel moço é o cimo sub-
tilisado do gosto, da sciencia, da phi-
losophia, da educação de uma epocha.
Insuflaram-lhe sciencias inuteis, artes
inprofficuas, philosophias anniquilado-
ras, narrações obscenas e envenenadas
e depois a Sociedade, a impura cor-
tezan chegou-lhe aos labios o absintho
do prazer inficionado que sorveu até
as fêzes. A religião instruiu-o na des-
crença, deslumbrando-o mais pela ex-
pectação apparatusa da sumptuosi-
dade dos ritos que por verdades, ve-
ladas mysteriosamente; a moral es-
terilidou todas as nobres tendencias
naturaes, substituindo-as pelo egoismo
arido; a sciencia levou-o longe do
caminho das verdades uteis para mos-
trar-lhe a mira de improductivas e ocio-

sas cogitações; a Arte occultou-lhe a Belleza san e forte para ensinar-lhe o requinte acrobatico da Forma Torturada; o Livro verteu n'alma a essencia amarga do pessimismo; o prazer impuro roeu a chaga do tedio.

O Coração ficou inculto e cresceram no terreno sagrado, fadado ás aspirações sublimadas, a zizania aspera, a urtiga caustica, o cardo espinhoso...

Aprendeu a desdenhar porque os desconhece, a dor silenciosa e o pranto mudo, o sentimento terno e o amor puro, a affeição simples e a emoção sincera, a graça natural, o riso franco, o orgulho nobre, o entusiasmo ardente, a admiração arroubada. É um producto de estufa, vivendo n'atmosfera artificial da convenção; um aleijão monstruoso quando poderia ser um homem forte e bom.

O corpo é desfibrado nas macerações da sensualidade e na sobriedade degradante da intemperança; o espirito vitriolado por um mixto infernal de venenos corrosivos.

Incapaz de um pensamento lucido e de um feito altanado, o mal é sombra constante que o segue por toda

a parte, até a Morte, visonha implacavel que o apavora, como se a Natureza quizesse lançar uma irrisão sobre o apparatus artificioso de seo pessimismo. Está ahi a grande cultura da Civilisação, o maravilhoso prodigio que adultos-ingenuos de nosso tempo tanto encarecem. Dizei-me agora, vós todos, Homens que semeaes as urzes que hão de tornar impraticavel vosso caminho, que cavaes fundo e fundo o abysmo em que tereis sepultura, se não serieis mais felizes, voltando sobre vossos passos, retomando outro caminho, desmontando o manequim pretencioso para deixar o movimento livre ao homem simples, são, forte, procurando na terra o Bem e na Natureza as alegrias inextinguiveis que são o grande Segredo.

Para isso sería preciso incinerar o vosso monstruoso egoismo mas eu bem sei que preferis antes a propria Morte, a sombra que vos amedronta o animo pusilanime e a crueldade covarde . . . Proseguireis, bem sei . . . mas um dia haveis de voltar . . . Meo Deus, permitti que ainda seja a tempo! . . .

Silência melancolisado apoiando-se na enxada e volta depois ao trabalho amigo, achegando terra aos troncos das arvores.

ATMA

Pae!... Pae!...

EGREGOR

Procura-me...

ATMA apparece guiando uma velhinha cega e tremula e uma criança disforme, roxa, entumescida e chagada pela lepra.

Pae, venho te mostrar os nossos visitantes...

EGREGOR dirigindo-se á Velhinha Cega.

Bôa tarde... bôa tarde...

A VELHINHA CEGA

Deus te dê tambem bôa tarde.

EGRFGOR

Resolveu sempre vir? Porque já não veio? Minha porta esteve sempre aberta... Teo filho tem saude?

A VELHINHA CEGA

Pobre filho! Trabalha sempre, nem tempo tem para repousar um instante. Vive lá a revolver a terra, semeando, esperando e colhendo decepções e desenganos... Nem em casa encontra um conforto para sua fadiga, vem soffrer mais ainda, vem encontrar uma velhice cançada, inutil, tacteando nas trevas e rever o filhinho doente fugindo da luz. Ah! senhor, a vida cruel, a vida cruel! Meos olhos não tem luz, mas como eu vejo tudo distinctamente... Ha uma segunda vista da qual a gente não se cega... Como eu sinto a indezível angustia de seo olhar parado no filho amado, na pobre velha cançada... Emmudece durante-muito tempo, talvez para não denunciar as lagrimas na voz. Mas as mães adivinham. Para que ver a dôr se a dôr se adivinha? Elle chora... lagrimas mudas longas, inconsolavelmente tristes... Uma noite ouvi a

treva soluçar ... ergui-me tacteando pelos moveis, pelas paredes lento e lento e fui surprehendel-o. Pobre filho, buscava as trevas para chorar. Que pranto triste o das trevas, meo Deus! ... E não pude dizer-lhe uma palavra ... chorei tambem. Se as lagrimas dessem a luz e o consolo ... mas não, cada vez mais sinto maior a escuridão ... É que o soffrimento augmenta.

EGREGOR

Mas é preciso esperar sempre.

A VELHINHA CEGA

Sim, é preciso esperar ... Espero ... que? ... não sei bem, mas espero ... Talvez a paz no tumulto. Ao menos rezarei a Deus por elles ...

EGREGOR

Sim, o seo dia chegará ... As provações são necessarias. A paz virá para um e a saude para o outro.

A VELHINHA CEGA

Deus ouça estas palavras. A saude para o meo filhinho! ... Podia ser tão forte, tão são como os outros ...

elle que é tão bom e tão manso! É o guia da avósinha cega. Os estranhos repellem o seo mal; guardo-o só para mim. Os estranhos fogem até delle, as crianças quando o veem riem-se do pobresinho. Como é cruel o riso que insulta a dôr!... Por isso afasto-o dos outros, faço-o viver para mim. Vive opprimido, isolado, definhando talvez, mas muito peor é despertar um pensamento triste, dar um momento máo aos outros. Para encher os dias, conto-lhe historias encantadas ou entôo uma cantiga lenta que o faz adormecer.

EGREGOR

Deus lhe dará saude.

A VELHINHA CEGA

Sim terá pena do pobresinho... senão, que vida triste meo Deus... um homem repellido pela nausea dos outros... A morte é boa... eu terei feito meos dias em pouco... mas o pobresinho, senhor, que talvez tenha longos dias!...

Que existencia atormentada, fria e trevosa...

EGREGOR

Não; Deus o sarará... terá pena delle...

A VELHINHA CEGA

Deus te ouça. Falle um anjo por tua bocca... se ao menos os desgraçados encontrassem sempre almas boas assim... Como as penas seriam curtas!

Mereces bem a filha que tens, senhor. Disse-me umas palavras tão doces; eu vinha tão afflicta...

ATMA

Vinha chorando, Pae. Vi-a lá do cimo da torresinha... Fui esperal-a ao portão. Os soluços faziam sacudir todo seo corpo e as lagrimas corriam sempre. Tive muita pena della e chamei-a para a consolar...

EGREGOR

Que dôr te maguava?

A VELHINHA CEGA

Ah! Senhor! São tão maus!... mas Deus os perdoará, dando-lhes um coração compassivo... A Mizeria ha

muito tempo foi morar em nossa casa. A casinha era já tão pequena para nós tres e nossa Dôr! ... mas ella veio. O pão foi minguando ... Os velhos não carecem de muito alimento, uma migalha basta ... mas meo triste filho que precisa de forças e meo pobre pequeno chorando com fome? ...

Que agonia, meo Deus! Porque ha de a dôr dos outros doer-nos mais que a nossa? ...

Muitas vezes foi preciso enganar-o com uma cantilena para adormecer a fome no somno.

Faltava-me uma resolução. Ha pelo mundo muit'alma compassiva; terão piedade de meo infortunio, pensei eu. Foi assim que como remedio veio-me a idea de pedir uma esmola pelo amor de Deus. Mas eu era cega ... e quem me guiaria? Serias tu, meo pobre filhinho, meo arrimo ainda nesta via dolorosa? Doeu-me muito arrastal-o tão cedo á mendicidade. Mas a fatalidade ensinava que era preciso. Occultei meo pensamento a meo filho e quando elle se foi ao trabalho sahi com o pequeno. Caminhamos muito, lentamente, um caminhar de cego

arrastado pela mão até encontrar casas lá visinho da cidade.

Bati ás portas e pedi uma esmóla por amor de Deus.

Muitas se conservaram fechadas, muitas não me escutaram, muitas não me responderam. Outras perguntaram asperamente o que eu queria. Uma esmóla por amor de Deus.

Outras respostaram á supplica; Deus favoreça. Foram as melhores, ainda bem. Mas assim mesmo... Ah senhor!... a caridade dos homens! quando querem negar, dizem: “Deus favoreça!” Estas palavras são muito boas quando ditas numa voz mansa, doce, unctuosa, mas lançadas sem alma, sem piedade, num tom acre como respondendo a uma impertinencia... doem muito... querem significar: vae-te, tu és importuna. Eu bem sei, a Miséria é importuna, mas que fazer?... Deus quer assim. Uns logo que viam meo filhinho afastavam-se receiosos. Outros jogavam moedas de longe. É a caridade covarde... senhor. Nosso Senhor amou tanto a Lazaro e os homens desprezam tanto os infelizes... Cospem quando os veem passar e cor-

rem apressados, proferindo injurias talvez. É doloroso verter pragas sobre os infelizes ... mas ha homens que não conhecem a piedade.

Seja tudo pelo amor de Deus ... Mas isso não bastou ainda. Os meninos agruparam-se, os maos meninos, e vendo a velhinha cega e inerme e o netinho doente e impotente gritavam muito de longe, num alarido selvagem de vaia, atirando pedras. Sei que a velhice é feia e a lepra é disforme, mas a vaia é covarde e a pedra impiedosa. Choravamos ambos. Resolvi voltar á minha triste casinha onde me esperava a miseria silenciosa que não tinha para nós o insulto, a mudez, o nojo, a palavra azeda, os olhares constrangidos, a vaia, as pedras. Que volta angustiosa, meo Deus! Até o sol tinha brazas para nós. A terra me queimava os pés doídos.

E Deus fez o milagre, Deus fez o milagre ... Bemdito seja Deus! Louvado seja o nome do senhor que fez o milagre!

Uma voz doce, muito doce, chamou-me ... Pensei em Maria, a Vir-

gem Santa... Ella devia ter a voz doce assim.

Era tua filha, senhor. Fomos conduzidos a uma sombra amiga, a teo tecto. Sejas bemdita minha Filha!

O rosto de ARMA consternado e afflicto illumina-se de uma alegria intensa... Um sorriso divino, a luz dessa benção commovida expunge a magua de lagrimas recentes.

A VELHINHA CEGA

Beijou os labios de meo filhinho, sim ella, a pura e santa ao lazaro ferido de quem os homens contaminados fugiram...

Lavou-me os pés... A santa mão, tão pequena e tão doce curou as feridas que a terra ardente rasgou. Dizem que Jesus lavou tambem os pés cansados dos pobres. Depois nos deu o pão. Na minha treva senti que meo filhinho ria. O pobresinho tinha fome.

Mudou-lhe a roupa. Nós não teremos frio hoje. Deu-lhe até brincos...

deu-lhe tantas coisas. Quando meo filho entrar em casa e nos vir tão contentes e o tono de um conforto em nossos rostos pensará que uma bôa Fada passou lá pela casinha humilde. Eu lhe direi que foi Maria, a Virgem Santa.

E quem saberá repetir as palavras de amor que ella nos disse? nunca a dôr humana ouviu mais alentadoras...

Dá, filha, dá sempre o consolo destas palavras doces á pobre velhinha...

EGREGOR

Ella irá dizel-as. E tu minha velhinha não vas pedir mais aos homens. A cidade é distante e teo filhinho se cançará. Aqui mais perto encontrarás amigos, terás quem te ame, a teo filho e a teo netinho.

A VELHINHA CEGA

Ah! senhor! tu és a Providencia. Deus te pague. Deus abençõe e torne bemaventurados tu e tua filha! Deixa-me beijar tua mão...

EGREGOR, enternecido

Não, minha irman... minha mão

não é digna ... Deixa-me antes beijar a tua ...

A VELHINHA CEGA

A minha é mais velha, mas a tua é melhor, a tua faz o bem.

EGREGOR

Não, não ... mas a tua é pura (*beija-lhe a mão rugosa*) Deus derrame a alegria em tu' alma!

ATMA, beijando também a mão tremula da cega.

Deus te ajude e aos teus, minh'ávósinha!

A VELHINHA CEGA

Deus os abençõe! ... São tão bons! Pedirei a Elle por vós ...

O LAZARO

Adeus Santa! Adeus Senhor! O Pae dos Céu os ajude!

A Velhinha arrasta-se pela mão do pequeno. ATMA ajuda-os e os leva até o portão.

EGREGOR, triste e só.

Pobre gente! Vida Cruel! ...

ATMA reaparece só, com um veio de tristeza sobre os olhos humidos, vestigiando lagrimas recentes ...

EGREGOR vendo-a approximar-se.

Pobre gente... Como é cruel o soffrimento humano!

ATMA, ainda com-movida.

Sim, como é cruel o soffrimento humano! Nunca imaginei uma magua tão funda ... nem chorei lagrimas tão longas e tão amargas ... Um sentimento novo, nunca experimentado agitou até as raizes occultas da Alma meo ser inteiro. Não foi a farpa do Odio aggressivo dirigida contra os auctores desta perversidade inaudita, foi um'exaltação fervorosa e crescente de Piedade e de Amor pelas victimas de tanta Violencia e tanta Ferocidade:

o sentimento de não poder reparar toda esta profunda Injustiça humana. E lá do cimo da Paixão onde se perde a sensação mesquinha da Realidade, eu contemplei a Immensa Dôr Humana e beijei-a num extase mystico atravez dos labios ulcerados do leproso, cuidando verter sobre a chaga repellida e insultada o balsamo divino de uma reparação.

Porque sentimento infernal de Impiedade o homem que vê cair esmiagado pela Fatalidade seo irmão, consente que se interne mais no ventre do precipicio, quando podia estender a mão e reerguel-o?

Porque não se hade enflorar e frondescer miraculosamente a Arvore do Bem no coração humano, aspergindo sobre a Dôr o balsamo de uma essencia preciosa e vulneraria?

É pois uma cruel certeza que a Caridade sobre a Terra é uma virtude atrophiada, um fructo murcho e pêcco do qual nada ha mais a esperar?

EGREGOR

Bem disseste, a Caridade é um fructo definhado. Mas crês que mesmo sazo-

nado bastasse como o anodyno á Dôr humana?

Embora ella existisse na plenitude de sua maturidade, seria assim como um minguado regato incapaz de abeberar o extenso areial sedento da Miséria.

O ideal evangelico da salvação do homem pela Caridade falhou. É assim devia sel-o. Aos visionarios, embahidos na illusão altruistica, que cuidaram achar a decifração da monstruosa sphynge, um apostolo illuminado do mundo moderno antepoz um novo ideal mais nobre: o da Justiça Redemptora.

A Caridade como o palliativo para a dôr humana é um triste remedio, de pequena efficacia, de um effeito passageiro, venerada talvez pela intenção generosa, mas estreita d'aquelle que a semeou pelo mundo; como ideal solução do problema humano seria uma calamidade iniqua porque sancionaria a monstruosa lei que divide os homens em afortunados e soffredores. Não, isso seria justificar a violação odiosa da organização social em que todos os homens tem uma somma

egual de direitos; seria mentir a afinidade collectiva da Humanidade que reuniu os homens sob a égide protectora da Solidarietà.

Porque pois, senão por um crime que se perpetra ha myriades de annos sobre a face da Terra e que o ideal da Caridade Salvadora pretendia perpetuar, uma parte da humanidade se alcandora em um'eminencia mentirosa e com'um dom de sua magnificencia e de sua grandeza, estranho ao dever que a estultice desconhece, lança esmólas á outra parte que foi esmagada na lucta e que lidou a seo lado?

Na aggremação humana formada pela colligação de interesses mutuos de defeza e auxilio na lucta pela vida, os individuos tem pelo proprio factó de su'inclusão no seio social, os mesmos direitos e deveres, os mesmos proventos e prejuizos, que resultarem ao todo, a somma em fim das responsabilidades inherentes ás prerogativas recebidas.

Como, pois, não prestar aos nossos auxiliares de hontem o apoio que sua velhice cançada, suas energias vencidas, seo organismo desfeito pela mo-

lestia carecem hoje? Em nome de quem existem o Luxo e a Miséria, a prepotencia qu'esmaga e o estomago qu'es-móla?

Em nome da Força, a lei natural soberana e invencível responde um sophisma forjado no inferno ... Mas vós mentis, exploradores vis!

A victoria não foi ganha pela vossa força, foi uma conquista social, a resultante d'esforços congregados e que só a vós aproveitou porque a mentira e a má fé vos levaram até o fim, emquanto vossos companheiros tombaram feridos no campo sanguinoso. A Justiça Inflexível sentenciou bem alto que os invalidados na lucta antes da victoria, tem como os vencedores direito aos louros e aos despojos.

O sonho evangelico apontando a Caridade como solução ideal do enigma humano, appellando para a generosidade dos venturosos qu'em troca de beneficios prodigalisados receberiam o premio da salvação eterna é neste sentido a mais iniqua perversidade que o homem já imaginou, porque é a sanção de um'extorsão, de uma violencia.

Sequencia natural de um utopismo degradado qu'invertendo os valores fez dos ultimos os primeiros, que creou um ceo para os pobres d'espírito, endeosou a ociosidade no desprendimento e no ascetismo e aviltou o homem no preconicio da humildade, religião de pusilanimos e d'escravos, a solução do problema economico não podia ser senão esta transação espuria da Caridade.

Não: é preciso apagar da memoria humana a Generosidade e substituil-a pelo Dever, odiar a Caridade por amor da Equidade, trocar o Egoismo que theorisa em leis o Mal pelo reconhecimento da Solidariedade Humana que trará todos os bens sobre a Terra.

A Caridade humilhante, que a mão dadivosa dos felizes semêa com'uma ostentação de seo altruismo, regeite-a a Mizeria para exigir da Justiça a Solidariedade basica, a satisfação da clausula reparadora.

A astucia e o roubo que possuem milhões, que exploram milhares de homens levando-os caminho da mizeria e levantam hospitaes para acolherem alguns infelizes, não são philanthropos generosos dignos de um'alta

sagração mas simplesmente ladrões execráveis que illudem a Humanidade abrigados pelo erro evangelico que trouxe sobre o mundo uma cegueira de tantos seculos.

Não é atirando um punhado de ouro para o ventre do abysmo que se had' enchel-o: é abatendo as montanhas que a Improbidade injusta levantou, trazendo o nivelamento primitivo e impedindo de se reerguerem para todo o sempre . . .

ATMA

Sim tens razão: é a Justiça que nos falta, só ella pode trazer á Terra o equilibrio da Felicidade e a alegria da Paz.

EGREGOR com um'
outra idéa a lhe as-
saltar a mente.

E viste como a pobre gente soffre resignada? Como são simples, sem as aspirações perversas, sem as desfallencias criminosas dos todo-poderosos do mundo?

ATMA

A Dôr purifica e afina a Alma das

máculas azinhavradas que a corrupção mundana estampou no homem. Quanto mais soffrem mais perfeitos e mais dignos são da vida melhor que a Justiça lhes reservou e que o Egoismo Humano afasta cada vez mais.

EGREGOR

Emquanto acolhias a velhinha soffredora, um viandante de rosto tormentado, olhar enfebreado, labios crispados, a individuação da Magua estacionou alli em meio da estrada.

Não sei porque mysteriosa concordancia o acaso permittiu-me em dois instantes visinhos contemplar um contraste tão violento. Como differem as duas miserias que eu vi, minha filha!

Interroguei a afflicção que torturava sua physionomia juvenil, o tom de desalento qu'ennuveava seo gesto, approximei-me depois cuidando poder verter n'Alma exulcerada o anodyno de uma palavra amiga.

Deu-me apenas respostas áridas escondendo o mal secreto que o roía: foram sons asperos, fel qu'esbrazêa labios, ironias farpeadas e até abominações que degradam. É preciso que

se tenha attingido o extremo da oxydação moral para pensar e proferir certas palavras. Elle m'as disse. Atravez dellas pude comprehender que tenebroso passado tinha percorrido e que dias d'encenação perversamente tragica d'infamia covarde o esperam no futuro.

A santidade d'alma é flôr prodigiosa, magnolia de uma contextura delicada que um pensamento impuro pode tisanar como' o menor contacto irreverente degradar perpetuamente. O perdão pode ser obtido pela contrição das lagrimas, a pureza perdida não voltará jamais.

Assim ha molestias da alma que nunca se curam, qu'infectam e contaminam até as intimidades profundas do ser; para ellas não existe a regeneração porque o meio unico, o das lagrimas, é trilha que a impudencia perdeu. Estes infelizes transmudam-se em um flagello portador de desgraças sementeando o mal e a aridez por onde passam. Se o caminho é juncado d'iniquidades, perfidias, perdições, imprecações, blasphemias. O riso queima, o olhar agonia, o gesto esterilisa, as

mãos depredam, o contacto corrompe e a bocca, mesmo quando se abre n'uma palavra nobre, profere um attentado sacrilego, visa uma perfidia satanica.

A Natureza opulentou-o de todas as magnificencias de seos dons e a Civilisação contemporanea apurou-se em dar-lhe todos os requintes que transformam o homem, a boa argila primitiva numa perfeição monstruosamente perversa. Entretanto porque o mal não pode ser senão a origem de um outro mal, elle proprio é consumido pelas chammas que ateia. A propria voz acompanha o côro de maldições que lhe dirigem.

Aqui agora viste o amplo estuario em que a Natureza despejou tod'a sua vasa, em que a Sociedade verteu tod'a onda amarga da Injustiça e da Impiedade, não conseguindo, muit'embóra, submergir os altos cimos do Sentimento Nobre e do Pensamento Illuminado que dignificam a personalidade humana. Alguns instantes que dei ao moço torturado confrangeram-me o ser inteiro, as palavras que disse á pobre velhinha enterneceram o coração, hu-

medeceram os olhos e fructesceram
n'alma Pensamentos Sublimados. Existe
a lepra do Corpo e a do Espirito; uma
é repellida pela Impiedade humana, a
outra envenena a Humanidade inteira.
Só isto bastaria para decidir qual a
mais execravel.

III

Afflictio una, afflictio ecce venit
... venit tempus, prope est dies occisionis ...

Prophecia Ezechielis,
Caput VII, 5—7.

A manhã vem
acordando os
campos. A luz se-
rena e branca, hu-
mida e fria vae, nu-
ma caricia branda,
despertando uma a
uma as fontes mys-
teriosas da vida uni-
versal. Fremitos de
azas nos ninhos, bo-
cejos de corollas
orvalhadas, meigui-

ces preguiçosas da aragem matutina, beijando a Natureza com os lábios húmidos.

EGREGOR anda pelo jardim conversando a companhia alegre das plantas.

ATMA vem satisfeita e feliz beijar-lhe as mãos.

EGREGOR
És feliz?

ATMA
Sim . . . muito feliz . . . É tu?

EGREGOR
. . . Agora o sou . . . mas soffri muito. A velhice é triste, nem dormindo descança. Esta noite uma visão cruel me substituiu o somno. É que os tempos de soffrer se approximam . . .

ATMA
Crês que os sonhos tenham uma significação?

EGREGOR

Não sei ... talvez não ... mas ás vezes parecem enigmas do destino communicados á Alma.

Sua decifração é uma revelação ás vezes ...

ATMA

E teu sonho foi decifrado? É uma revelação tragica?

EGREGOR

Uma visão de sangue, de cadaveres, de violencias, de profanações.

Era num templo magnifico, um prodigio de marmore florindo sumptuosamente sob um ceo latino. Riscava no azul, augustamente, as grandes linhas solemnes de suas torres, altas, muito altas, confundindo as cruces de seos cimos, lá nos cimos das nuvens. Dentro pairava na immensa nave a contrição univoca de preces fervoradas. Uma nuvem de incenso subia alto, estendendo-se pelos altares accessos, como um véo ondeante, num' ascensão rythmica. Um sussurro debil evolava-se de labios soabertos onde as Almas fluctuavam serenamente. Havia em todos os rostos

esta harmonia de traços que um mesmo ideal puro e nobre ordena, que déle as asperezas naturaes, e numa transfiguração mirifica illumina um rosto sombrio . . .

Os santos dos altares derramavam a luz solemne de seos halos triumphaes sobre as pobres Almas contritas, confiantes, submissas . . . Desdobravam-se, passando, na magestade de sua grandeza as pompas sumptuosas do rito na eurythmia serena de sua perfeição, librando as Almas miseraveis da Terra ás alturas purissimas dessa Terra Mystica aspirada. Casavam-se num concerto perfeito as vozes melancholicas dos orgãos, os halitos balsamicos dos thurybulos, refagulhações metalicas dos altares, o alarido triumphante das purpuras, as revelações chromadas dos paramentos liturgicos, das luzes, de mil flores entecidas em grinaldas . . .

Súbito, um ruido extranho, um som enorme, feito da babelisação de mil sons discordantes, um colossal estertor, prolongado, invasor se ouviu, e de todos os pontos, pelas portas rasgadas, uma multidão conturbada e sacrilega, parida no setimo inferno, talvez,

envadiu o santuario. Do peristyllo á ábside, um só grito de surpresa e de dôr, vozeado por milhares de boccas, encheu o templo.

Eram barbaros . . . haviam destruido a cidade gloriosa, insultado os mais nobres logares e vinham agora cevar sua barbaria no recesso da alma, na paz do templo.

Aquelles rostos sinistros, mascarados de poeira e de sangue; aquelles dentes amarellos, rangendo numa furia de feras esfomeados; aquelles traços crispados na convulsão de uma alegria satanica; aquellas mãos enormes, maculadas de nodoas suspensas de braços longos pelludos e possantes e brandindo armas de depredação e de morticínio; aquellas plantas impuras magoando o Solo Sagrado, aquella horda que com'uma onda tempestuosa quebrava-se violentamente de encontro ao Prodigio dos Marmores e afogava, submergia tudo, nem se poderá pensar. Só acolhidos na região distante do Sonho poderiam sentidos humanos guardar a memoria de tanta dôr . . .

Monstruoso. Inadjectivavel. O sangue borbotou, tingindo o marmore

puro e a Carnagem, as Violações, as Depredações, o Insulto, a Blasphemia commandadas pelo Odio foram representando sua epopéa desgraçada. Os Symbolos Sagrados, as grandezas da Arte foram mortos pelas mãos sacrilegas: tudo se viu destruido, profanado, irremediavelmente perdido.

Depois o que o Odio poupou, o fogo consumiu e os monstros embriagados entoaram os canticos barbaros deante das fogueiras onde ardia a fé de um povo, os sonhos de genios aclarados, as grandezas de aspirações gigantes e os cadaveres profanados, violados mesmo na morte d'aquelles que ha instantes tinham a Alma nos labios e a paz serena da contrição a illuminar-lhes a harmonia dos traços.

Além, em torno, muitas outras fogueiras ardiam e seo fumo levava para o ceo a angustia suprema de um grande povo immolado ao Destino Cruel.

No horario fatal dos Crepusculos dos povos havia soado a hora do crepusculo latino . . .

E o ceo latino não cobria mais uma terra illuminada pelo talento,

florescente pelas artes, heroica pela fé, forte pelas armas, rica pelo commercio... abobadava em sua eterna placidez sobre um montão de escombros, lambidos por mil linguas de fogo, enquanto os cannibae embriagados celebravam o ritual satânico de seus credos occultos, dansando macabramente em torno dos altares sacrilegos de Belial, erramalhados de asphodelo e verbena e aclarados pelas chammas lugubres dos loureiros e cyprestes accessos.

Do solo rubro, ainda quente do sangue abeberado em que a ponta dos sabres assassinos traçavam os signos sinistros das evocações, sombras debeis e vacillantes, pallidas e temerosas, emergiam, rastejavam, subiam, perdendo-se na grande sombra negra que vinha caindo para amortallar o mundo.

Iam perecendo abafadase extinctas as ultimas vibrações dos louvores barbaros ás divindades terriveis da Desgraça e da Morte...

Na espessura fria da sombra ouvia-se apenas em surdina um chocalhar de ossos desligados, um lamber precipite de linguas de um fogo occulto

que consome destroços, estrebilhando uivos de cães sinistros perdidos além na vastidão extensa do espaço e da noite infinita.

E a grande perfeição, esforço supremo de vontades heroicas desaparecera da Terra

.

Rolam na face de
ATMA perolas ma-
guadas.

EGREGOR

Choras? Compreendestes também que ahí ha uma revelação cruel? Não te parece ver ahí uma palavra de ameaça? . . . Os tempos de soffrer se approximam . . .

Contemplando as
lagrimas tristes da
filha.

Fiz-te pena . . . Perdoas-me; sim?

Beija - a terna-
mente.

Vae consolar-te com as tuas lindas flores; conta-lhes teos lindos sonhos . . .

Vou ver as minhas arvores . . . hontem

não as vi... tenho já saudades das
pobresinhas...

Vae lentamente
caminhando para o
pomar.

ATMA, só e triste

A velhice tem sonhos tristes... deve
ser doloroso ser velho, morrer todos
os dias, todos os instantes... hoje
morre uma crença, amanha um'illu-
são, foge um riso do labio, escorre
uma lagrima maguada, empana-se o
brilho de um olhar, cava-se o sulco
de uma ruga.

Beijando uma ca-
melia rubra.

Como é gentil! Porque pensar nes-
tas tristezas, quando se é feliz, quando
se começa a viver...

Um rubor subito,
cora-a levemente...

Sim, porque só amar é que é viver...

Virá hoje? Dar-lhe-ei minhas me-
lhores rosas e o meo melhor sorriso...
Isto pagará o que tem soffrido por
mim...

Uma voz que se
approxima.

Atma! Atma!

ATMA corre para
o gradil, radiante,
feliz.

É elle ... é elle ...

NEHEM

Bom dia, meo amor!

Olha-a transportado á beatitude paradisiaca do extase, onde se congregam o Desejo e a Esperança, longo tempo, longo tempo. Passa um instante extrahumano, irreal, em que as Almas se estendem para o altar esponsalicio do sentimento, em quanto na vida dois corações enchameados rufam precipitados a marcha triumphal das Aspirações satisfeitas. Depois voltam as Almas ás boccas.

NEHEM vae rezando

Em cada dia descubro em ti uma
graça nova ... Hoje és mais bella que

hontem . . . Que bôa fada te transforma assim, dia a dia, para mim?

ATMA

A tua lembrança. Sinto-me mais bella quando penso em ti. Pensas tambem em mim?

NEHEM

Só penso em ti . . . e quando se ama pode-se pensar em outra coisa? . . . o amor absorve-nos completamente . . . perde-se a noção da personalidade, apaga-se o eu, abandona-se a vida, a honra, a fortuna, a gloria para viver transfundido em um outro corpo, em um'outr'Alma, a do ente amado. Mesmo porque não ha vida, honra, gloria, fortuna sem amor.

ATMA

Sim, sei bem, porque antes de amar, eu não vivia . . . : ria, chorava, cantava, dormia, adorava a Deus e a meo Pae, mas não vivia . . . E se alguma vez senti a vida foi talvez por essa obscura sensação do amor que antes de nos surprehender torna-nos videntes da felicidade futura. É que amamos

talvez antes de nos encontrarmos: esse pre-amor doira alguns dias felizes de uma vida vasia . . .

NEHEM

Sim, Atma, é verdade. Eu te havia penetrado n'Alma antes, muito antes de te ver. Porque não sabes que nossas Almas erram, vagam ahi no infinito, sentem-se, comprehendem e esperam? Eu te esperava; conheci que chegaria o dia e o dia veio. Não me viste tambem, nunca me sentiste?

ATMA

Senti tambem sim, talvez, mas não comprehendia; via que em mim existia um vacuo ainda; tinha um pedaço de Alma vasio, esperei que o dia viesse e o dia veio e essa porção que me faltava eras tu.

Não vêes como nossas Almas se sentem contentes?

NEHEM

Não sei bem, mas nossas Almas tem uma pela outra a attracção mysteriosa e indizível dos que se buscam para se completarem.

Nunca viste num extenso areial lá no extremo confuso e perdido na neblina, lá muito ao longe, apparecer o sopro indeciso de uma sombra, que caminha, que cresce, que se destaca, que vive, que se agita, augmentando sempre, até transformar-se em um ente vivo e depois, avançando, deixar ler em sua frente as linhas firmes de um rosto humano? Assim me foste tu. Eras pallida sombra ao longe, muito ao longe, perdida nos confins de meo areial deserto, foste minha phantasia e o meo sonho.

Não tinhas forma ainda, eras um Ideal apenas. E marchei em busca de meo Ideal, a sombra cresceu para mim, vi desenharem-se os seos traços senti que não era uma chimera, que tinha vida, que embora sonho, era sonho vivido; depois vi bem que era uma mulher, era pura, era bella, era santa, eras tu.

E estendi os braços, abracei a tu'Alma.

ATMA

Eu bem senti tambem que alguma coisa ia me acontecer, alguma coisa

enorme, que se não sabe definir, comprehender, mas que se sente.

Visão? Perfume? Harmonia? Não sei, mas ia-me cercando, apoderando-se de mim e absorta esperei sem saber o que esperava, sem ouvir os seos passos, sem distinguir os seos traços, sem aspirar o seo perfume, mas minh'Alma muda esperava sempre. Eras tu minha visão, meo perfume, minha harmonia e hoje vejo, ouço, sinto e comprehendo emfim: és tu!

NEHEM

Falla assim, santa! quando tua bocca se abre tua Alma vem á tona de teos labios, eu a ouço fallar e sinto que é minh'Alma que grita, como alguém que n'um deserto mudo ouvisse gritar a si proprio. Tua voz parece que não vem de teos labios, é em mim que esses sons nascem, eu me ouço gritar, elles se derramam e me dizem que não estás só, a tu'Alma ahi está. E eu a vejo e sinto: és tu.

Olha meos olhos, não te vêes em duas pequeninas effigies aqua-fortadas em minhas pupillas?

Eu vejo-me nas tuas ...

Quando nos afastarmos estas gravuras se apagarão, mas na pupilla d'Alma, com destaque mais nitido tua sombra me acompanhará sempre.

ATMA

Viverás também indelevelmente escripto na pupilla fiel de minh'Alma.

NEHEM

Pois não é verdade que quando dois seres se amam duas Almas se transfundem?

ATMA

Sim, é bem verdade; eu já não me conheço ou me conheço mais porque te conheço, tudo o que vejo em mim é teu, vem de ti, tudo me diz bem alto que sou tua e se não fosse tua não me conheceria.

NEHEM

Sim, somos nossos. Nossos corpos se pertencerão e viveremos dias felizes... Construiremos a cabana de nossos sonhos, veremos pastarem os rebanhos de nossas illusões, embriagar-nos-emos do aroma dos prados em

flôr e morreremos de goso vendo o sol morrer.

ATMA

Gostas de ver morrer o sol?

NEHEM

Oh! muito! porque a tristeza é doce e o sol que morre é triste. Não doe vel-o pender a grande cabeça ferida e enchammeada, para afogal-a no seo leito rubro de sangue? Iremos ver morrer o sol e morreremos tambem tu em meos braços, eu afogado em tu'Alma ...

ATMA

Sim, morreremos de prazer e tristeza vendo morrer o sol, tu em meo peito branco eu em tu'Alma mais branca ainda.

NEHEM conversando a folhagem, investigador.

Teo Pae não deve tardar ...

Adeus! Se soubesses como eu o receio! É o obstaculo á nossa felicidade. Adeus! Pensa em mim. Adeus!

Afasta-se lentamente . . .

Atma, novamente só, vê-o desaparecer na estrada que se estende ao longe, mandando-lhe beijos ainda, até perder-se distante; seu rosto feliz magôa-se de um tom apprehensivo e um secreto dó vae lhe enluctando a Alma.

ATMA

Porque hão de os homens detestar-se assim? Um tão puro, tão santo, glorificado no altar de minh'Alma, com' um Deus . . . o outro tão perfeito, tão amante, senhor de meo coração, como meo amor . . . e entretanto, a separal-os um enxame de palavras asperas, de pensamentos injustos.

Porque ha de um espirito puro ser iniquo para um'Alma bôa? Ah se podesse unil-os, dar a um a adoração de filho, a outro a immensa ternura de pae, apagar todos os máos pensamentos e substituil-os pela confiança tranquilla da felicidade mutua!

Poderão minhas lagrimas vencel-os e approximal-os? Não sou, meo Deus, digna da felicidade de os adorar juntos?

Um extenso silencio interpoe-se meditativo ...

É preciso dizer-lhe tudo ... Nada occultarei ... Chorarei e me perdoará. Soffro tanto!

Emmudece e sentada em um banco cobre o semblante angelico de um veo de tristeza infinita.

Egregor vem se approximando e para ao longe para contemplal-a. Vão chegando apprehensões tristes.

EGREGOR

Já não parece a mesma ... Foi-se a alegria ingenua de criança a rir des-cuidosamente para o futuro. Naquella fronte ha uma sombra que encobre, quem sabe? uma dôr ...

Pobre cabeça pequenina, talvez vejas erguer a primeira illusão, phantasia diaphana porque esperas ...

Abotoada em si mesma, já o pobre ouvido em que guardava os seus segredos não lhe é discreto e tem por mudos confidentes a estrella solitaria e a flor dos campos; o silencio a segue, envolvendo-a no extase de um sonho!

Que teu sonho seja doce, filha, que te adormeça serena anesthesia e não despertes para não serem teos olhos desmentidos e teos labios se não torçam pela amarugem da tristeza real. Doire teu devaneio alguns momentos felizes e se esvaia como os sonhos das crianças e as pequeninas nuvens que pairam lá no azul, como lenços brancos. O Deus dos bons te poupe o rasgamento de um desengano, a tormenta de uma desillusão.

Deus meo, poupa-e-lhe uma lagrima, eu tenho chorado tantas!

Vae caminhando
lentamente até AR-
MA.

Que máo pensamento te possui, que idéa escura te annuvia a alma limpa?

ATMA, tremula, indecisa esboça um gesto insignificativo.

Scismo, Pae, em nada, em tudo, nesta tristeza communicativa do silencio e da solidão, que se derrama em nosso ser, doendo a nota emocionante da saudade... saudade indefinida, inexplicavel, de coisa alguma, sem causa, mas sempre saudade amarga e quente que nos embala suavemente a alma como o canto velado de uma monodia lacrimosa. Nem eu sei... Saudade talvez de um outro mundo, de um outro clima, de um outro dia, talvez...

EGREGOR COM UMA
afflicção triste no
olhar.

Porque não procurar no intimo a causa desse sentimento nascente para não seres illudida como agora por sua natureza?

ATMA

Não te comprehendo, Pae.

Nada mais sinto que a tristeza suave que passeia ahi pelo ambiente... E que sei ser o reflexo dessa tristeza das coisas...

EGREGOR

Enganas-te ainda. Não é a tristeza

morna da hora que passa nem a saudade distante de um outro mundo, de um outro clima, de um outro dia talvez, que te turva esse perfil seraphico, arrepanhando as linhas puras de teu rosto ... é talvez o bater de azas de um sentimento novo que se acorda em ti, que germina sem o suspeitares, que te invade e te submeterá talvez á sua dominação, é que amas minha filha ...

Tremula e pallida, de uma pallidez de morta, ATMA baixa os olhos tristemente.

ATMA

Ma ... as ...

EGREGOR

Confessa ... o que sentes chama-se amor ... dize-me, dize-me, porque m'ó occultar?

Beija-a sobre os olhos, lentamente, ternamente.

ATMA

Talvez ... sim. Passam-se em nós scenas que muita vez desconhecemos;

ha um mysterioso influxo que se apodera de noss'Alma, communica-se e nella se infiltra sem que tenhamos o conhecimento. E mais tarde quando se irrompe, quando se manifesta, sentimo-nos trahidos, mas já é tarde então, não ha meio de resistencia: ou se capitula vencido, desesperado, ou vae-se ao encontro da derrota ...

EGREGOR

E já pensaste no caminho a escolher?

ATMA com o rosto
torturado por uma
angustia inexprimi-
vel.

Pae, não me perguntes assim ... são
tão frias as tuas palavras ...

Com um olhar do-
loroso que implora.

Ampara-me, ajuda-me a escolher ...

EGREGOR

Quem sabe se já não será tarde? ...
Custa tanto a arrancar um amor ...
É uma planta vivaz que nenhuma in-
temperie, nenhuma resistencia pode
matar ... entretanto abandonada a si

morre tão facilmente ... Como o fogo, o assopro o faz crescer ... alongue-se o cuidado delle e se apagará ephemeramente.

ATMA

Matar?! mas para que matar o meo amor? ... meo bem tão caro, sonho tão doce?

EGREGOR

Planta venenosa. Aroma que enleva, embriaga, envenena, corrompe e mata ou degrada. Que funestos destinos traz o amor!

ATMA

E nunca amaste?

EGREGOR

Soffri, penei, chorei, significam o mesmo. Ah! eu errei tambem; desci ao pejo impuro da lascivia humana, essa inficcionaladora que destroe a alegria, cava o caminho das lagrimas, arma o ninho do tedio, aguça o espinho do odio, e acera a garra da dôr. Enleprei tambem a magnolia de um' Alma santa com um contacto irreverente, preparei o soffrer e o remor-

so . . . mas fui perdoado porque muito amei . . .

E Ella, a Eterna Ausente, o seraphim que desceu de sua Altura para partilhar minha miseria, abandonou-me fugindo para a Patria Melhor, remitida de sua culpa de lascivia que degrada, por essa dôr de ser Mãe que divinisa . . .

ATMA

Sim, foste desgraçado, mas os outros que amam tambem, são tão felizes . . .

EGREGOR

Parecem felizes . . . ninguem lhes conhece o coração. É um paiz onde nunca ninguem foi . . . As lagrimas occultas ninguem as conta. Todos soffrem . . . cada um se julga desgraçado e consola-se suppondo a felicidade dos outros . . . Mentem todos.

ATMA

Tu é que és o illudido.

EGREGOR

Filha, eu conheço a vida, eu soffri o amor. Fui enganado tambem como

todos os outros. Perdi a alegria, a força, a illusão, experimentei o odio, o tédio, o arrependimento—o dia seguinte do amor.

A pureza é o maior bem humano e o que mais nos aforçamos em perder. Queres pois perder o teu unico bem? Inveja-te o ser desgraçada? Queres aprender a chorar, a odiar, a mentir?

ATMA chora convulsivamente. Transido de magua e ferido tambem EGREGOR senta-se a seu lado, abraça-a ternamente e um pranto só desliza longo e triste.

IV

Omnia munda mundis.

Epistola Beati Pauli Apostoli ad Titum,
Caput I, 15.

Tarde serena e doce. Por além da longa sinuosa traçada no espaço pela projecção das corcovas dos montes, estende-se uma tela de um verde esmaecido, laivada de estrias de sangue e bordada de pequeninas cristas negras.

Tudo tem uma tinta suave e morna. Ha uma paz satisfeita nas coisas, um socego feliz em tudo. O ar é leve, de uma transparencia calma, de um aroma penetrante.

As andorinhas riscam vôos extensos na turqueza infinita. ATMA e EGREGOR caminham vagarosamente ao comprido de uma aléa de laranjeiras enfloradas e uma aragem pacifica vem a espaços chover-lhes sobre as cabeças um enxame de petalas brancas. Um tem uma dobra aspera na bocca e no corpo uma apparencia de velhice cançada e sofredora. A outra tem a serenidade tranquilla e feliz dos que attingem a plenitude da graça.

Dia a dia completa sua perfeição. Fina, delicada, quasi etherea, como as Virgens brancas, longas, immateriaes que só os Primitivos conheceram o segredo de sonhar, como as flechas das cathedraes gothicas uma prece muda lançando-se para o céo, uma aspiração terrena em assumção gloriosa. Vem chegando a hora triste dos pezares, das palavras amargas.

EGREGOR

Já pensaste bem? Interrogaste a tu' alma? Guardas em ti ainda esse amor infeliz!

ATMA

E tu já perdeste as palavras que ferem? Muito embora todos os obstaculos que oppuz a meo amor, elle cresce, cresce continuadamente. Amo immensamente . . .

EGREGOR

Amas ... mas não pensaste bem ainda na significação terrível desta simples palavra.

ATMA

É tão doce amar ... e tão simples ...

EGREGOR

Filha, porque te deixas envenenar? Porque não confiaste a teu pobre pae esta molestia horrível que te inficcionou? Porque me occultaste esta miseria?

ATMA

Doe tanto a palavra acre em tua bocca ... Não falles assim ... se souberes como elle te parece, como é bom, como é terno, como é doce ...

EGREGOR

Eu o sei demasiado ... Elles são todos assim ... Os cantos das sereias são perfidos e inoculam n'alma um phyltro venenoso ... Não os ouças, filha, são como as flores do mal que aspiradas corrompem.

ATMA

Nunca ouvi de seo labio esta palavra mentirosa e envenenada. É timido, é doce; não falla, balbucia; não se arrouba, não se transporta, reza contrito, humilde, orações piedosas que só a crueldade não ouviria...

EGREGOR

Sim, eu conheço estes artistas habéis... Quando te dirige contrito e humilhado, de bocca tremula e olhos supplices uma prece inspirada, nem o cuidas, representa uma farça impudente, colla ao descaro salaz a mascara que mais facil lhe dará um triumpho. A outras entoaria carmes lyricos ou teria a audacia de uma explosão confessada, mas como abordar a inviolabilidade da Torre de David, em sua eburnea pureza, senão vestindo o mystico arnez da devoção e armando-se das alabardas das oblações piedosas?

Si tivesses aprofundado o olhar através do embaciamento theatral de sua pupilla, verias brilhar lá dentro convulsamente a chamma farpada do desejo vehemente... Este amor pode começar no cimo de um arroubo mys-

tico para acabar na profundura da degradação irremediavel, porque por detraz da nuvem de incenso ruge torrentuosa a onda escaldada do desejo. Enquanto a prece contrita escapa-se timida do labio, o desejo despe-te as vestiagens protectoras, insinua-se impudente por secretas intimidades e a imaginação repasta-se luxuriosamente, oh abominação! na decifração do enigma paradisiaco de teo corpo virgem.

O que elle quer de ti não é a Alma harmoniosa, a candidez lilial, é a Volupia que só a pureza intacta pode ainda dar aos sentidos gastos, aos nervos frouxos e que elles cançam-se de buscar pelo mundo ...

ATMA

Desvias do caminho justo. O que elle aspira é a transfusão ardente das Almas na plenitude azul de sua pureza. É um templo para adorar incondicionalmente uma chimera de amôr ...

EGREGOR

Não; de ti não fará o oratorio em que cada dia se ajoelhará piedosa-

mente para a prece, mas a companheira de sua luxúria, digna de seo desprezo e sua abominação.

Será preciso que eu te grite ao ouvido esta verdade amarga? ...

Silenciam ambos,
meditativos pallidos,
tremulos.

ATMA

Não o conheces ... talvez. Ensinaste-me a amar a Justiça e agora me insuflas n'Alma um odio violento a uma pobre Alma cujo crime é apenas o de ter amado muito ... Teo odio falsea o teo juizo ... Ah se tu soubesses a sua Alma ... O outro dia maguei-o com um olhar indifferente. Approximou-se tímido, humilde e bocca supplicante disse:

“Senhora de minha vida, Dona de meo penar, tende piedade de mim que recorro a vós ...”

Vi-o tão humilde, tão contrito que me remordi, dando-lhe a esmola de um olhar cheio de graça. Estava tão pobre, tão pequeno ... A voz se aqueceu mais:

“Attendei a meos rogos, ouvi mi-

nhas supplicas, tende piedade de mim que recorro a vós . . .” Disse-lhe: falla, eu te ouvirei. Como um crente exactico, genuflexo aos pés de um altar a voz tremula rezou um poema longo e supplice. Teria tanto prazer em t’o contar . . . mas o odeias tanto . . .

EGREGOR

E o conservaste?

ATMA

O ouvido não esquece a palayra de amor. Recolhi-as, uma a uma, piedosamente, na memoria, como a mão devota guarda, uma a uma, as contas de um rosario. Queres que as reze?

EGREGOR

Para que? Eu as sei todas . . .

ATMA

Para que has de odiar tanto? . . .

EGREGOR

Reza . . . reza, seja feita tua vontade . . .

ATMA

Mas ouves satisfeito?

EGREGOR

Sim ... satisfeito ...

ATMA

“Em um outro dia, lá num Paiz Distante que meo sonho conhece, estendido sobre a planicie sempre azul da Eterna Phantasia, floresceu num palacio de lyrios encarnados a Princeza Cruel.

Nunca a Terra viu passar em seo tempo um prodigio de mais extranha formosura, nem conheceu um coração mais frio, uma Alma mais arida.

Branca, como as visões em syncopes, parecia em seo ninho encantado uma gotta de leite, boiando triumphante em um lago de sangue.

Os lyrios invejavam-lhe a elegancia delicada do talhe; as magnolias diaphanisavam-se para imitar a morbida palidez de suas mãos; as anemonas adociam desbotando-se para tomar o tom esmaiado de seo labio fino, os heliotropos requintavam-se em arteficios para aprender o segredo de sua pelle aromada. Dera-lhe uma loira estrella luz para o nimbo de sua fronte, e o sol despeitado, comendo raivas esbra-

zeadas, escondera-se muito tempo sob nevoas, porque em seo olhar havia uma chamma mais robusta que o esplendor victorioso de astro. E no entanto, esse Templo acabado, Cathedral magnifica de sonho, ante o qual o peregrino podia extasiar-se diante da Divindade Omnipotente da Belleza Eterna, não tinha altar, e a ara sagrada era um vasio enregelado, impalpavel, vestido apenas de uma apparencia mentirosa.

Quanto crente afervorado nesta sede insaciavel de culto que de terras longinquas vinha-se demandando o sanctuario que lhe acenava de além na imaginação devota, não éstacara ahi, vendo deserto, abandonado, como se mão sacrilega o tivesse profanado, roubando a urna miraculosa em que se guarda a suprema verdade da vida? E si, devorado pelo incendio da adoração, illudido pela ficção enganosa da apparencia, deixava-se conduzir pela miragem, a mudez fria recolhia em seo ciborio profundo e invisivel a palavra escandecida, a prece inspirada, esquecendo-o extactico, morto, na posição ascetica de quem se desprende, na

postura immutavel de quem já não tem vida.

Então, Ella apparecia, serena e impassivel, macerando a Alma das violetas já enroxecidas de dôr nos dedos brancos e ia até o encontro do crente perplexo ennoitecido na morte da desesperança.

A mão fria, a mão branca, abria então o tabernaculo com as cinco chaves da crueldade, fazia decerrar-se o velarium que occultava o vaso de eleição e rubros de sangue, ardendo inconsumiveis na chamma, os dedos brancos, os dedos frios, arrancavam de sua haste a mystica flor vermelha da vida, ainda palpitante, vestida ainda das brazas alacres das purpuras, deixando cair um corpo inerte, involucro desanimado que nem era mais um cinerario de amor, pois a mão sacrilega roubara vehemente da sementeira a paixão enfiorecida.

Depois caminhava sobre os corpos machucados das violetas mortas, impassivel, serena, a mão cruel incendiada, supportando o coração ainda arquejante, quasi morto, mas amante sempre.

No palacio encantado dos lyrios encarnados Ella ia depol-o numa camara silenciosa, o salão das gardenias, transfixado por um longo alfinete de prata, na parede alva, onde já muitos outros existiam, semelhando uma sangria de rosas, borbotando de sob uma epiderma de açucenas.

E todos os dias devotos ajoelhavam-se no templo, contemplativos e extaticos, vindos de paragens distantes, trazendo a oblação piedosa da Alma nos labios contritos para padecer o martyrio e entregar o coração já que não era possivel possuir o outro.

Ao longo das aléas rescendentes, as flores que odiavam e invejavam a Princesa Cruel, viam-na passar todos os dias, vestida da tunica alvissima do silencio, serena e impassivel, na magestade olympica de seo orgulho, sempre cruel e triste, torcendo entre os dedos a Alma dos jasmins até exprimer gottas de sangue, macerando as carnes dos manacás cada vez mais rôxos pelo soffrimento, até perder-se encoberta pela folhagem.

As fontes tremiam assustadas e as gargantas roucas das pedras tinham

sons mais pallidos, melodias menos confusas, quando Ella passava: receiavam que uma nota acre as fizesse odiadas e lhes impozesse a condemnação do perpetuo silencio do abandono. Uma dellas jazia extincta, protegida a nudez vergonhosa de seo ventre apenas por uns farrapos de lichens pardacentos, porque gaguejara um estridor convulso, turvando a limpidez de um de seus momentos.

As aves estarecidas, immoviam-se, dirigindo-lhe olhares meigos, um côro de adorações mudas quando Ella passava, pois dizia-se, gostava de ouvil-as somente de longe.

E ai do imprudente que não a presentisse e se cuidasse na expansão de sua liberdade. Um dia um ficara suspenso no ar, immovel, gelado, na attitude de quem vóa eternamente, condemnado á sua ankylose angustiosa porque avoejara cantando um psalmo rubro de felicidade, e lá está e dormirá talvez a noite dos tempos na impassibilidade em que o destino cruel o collocou. Nunca a Tyrannia encontrou arminhos mais afôfados, nem existiu ainda uma mais perfeita con-

cordancia entre a dominação absoluta e a submissão illimitada.

Passavam-se assim os dias da Dona Cruel. Nunca se vira em seo labio florir um riso alegre, nem em sua fronte desdobrar-se a luminescencia de um pensamento amigo. E ao passo que só espinhos semeava em seos caminhos, só os lyrios da adoração incondicional brotavam nestas sementeras desprezadas . . .

A camara das gardenias foi perdendo a sua alvura e trocando-a pelo tom sanguinoso, e os corações feridos, achegados agora uns aos outros, tanto o seo numero apoucava o espaço em que viviam apunhalados pelos longos alfinetes de prata.

Quando Ella penetrava na camara rubra ouvia-se uma musica longinqua, ciciante, uma mistura diluida de beijos apaixonados, conservados num hymnario de amor, e um perfume mystico derramava-se das urnas de amor inextincto no ambiente morno; seo olhar frio, quando passeava pelas paredes, as grandes flores rubras palpitavam silenciosas, vivendo ainda a inextinguivel existencia do Amor Imperecivel

mas o olhar era frio, o labio mudo, o gesto inexpressivo e as palpebras brancas, duas petalas alvissimas, cahiam languorosamente, deixando o olhar interior contemplar o lago da Phantasia, allumiado pelas phosphorisações intensas de uma orgia de luz e perfumado pelas pyras gigantescas do Sonho diluindo no ambiente tranquillo o nardo, a myrra, o cinnamomo da Illusão.

Os corações ensanguentados feridos mais e mais pela indiferença cruel, não cessaram de amar, ampliaram-n'o transformando-o na essencia violenta do amor exacerbado — o odio implacavel dos que amam — e começaram a sonhar a epopéa sanguenta das reivindicações.

Tarde laivada de tons pallidos sobre a turqueza esmaecida, morna, silenciosa, cahindo em lentidão demorada ... A Princeza Cruel subia do jardim cançada de ter pisado o brio dos lyrios, maguado a vaidade das rosas, manchado a epiderma das magnolias, bebido a Alma das hortencias, exaurido o canto das fontes e vinha agora dar aos corações feri-

dos mais uma significação de sua Crueldade.

A mesma imprecação muda e apaixonada ... a mesma frieza silenciosa e cruel ...

Então, passou pela sala um sopro quente e num momento como se fôra tramada a urdidura de uma vasta conspiração, as chammas irromperam de todos os lados, espalmadas como linguas mendigas, lambendo o ar n'uma ganancia esfaimada ...

Os corações accesos, pyras flammejantes enlabaredavam o ambito da camara rubra e a Princeza Cruel confundida na vertigem do incendio, abraçada, beijada, estrangulada furiosamente pelos mil labios sequiosos que a devoravam ... remiu a culpa de sua vida ...

No salão das gardenias, no palacio dos lyrios encarnados, lá num paiz distante que meo sonho conhece, estendida sobre a planicie sempre azul da Eterno Phantasia, onde outr'ora floresceu a Princeza Cruel, sob um punhado de cinzas frias existe ainda um coração, vasta flor rubra que aninha

como um seio quente um enxame de outros corações, achegados, unidos, felizes agora, só na morte, por um amor partilhado . . .

Sim além da vida, porque o amor é mais forte do que a morte . . .

Foi assim a historia da Princeza Cruel . . .”

E depois a voz perfumada pela emoção, elle voltou os olhos para mim:

“E vós, Senhora de minha dôr, Dona de meo penar, sereis a Princeza Cruel? Não temeis que um incendio vos consuma?”

E baixo, humilde, pequenino, como um'Alma que se arrasta pelo chão: — “O meo coração só, seria capaz de vos queimar inteira . . .”

E eu, pela primeira vez tive para o pobre um sorriso benigno . . . estendi-lhe a mão fria e disse-me feliz como se tivesse entrado na Gloria.

“Vós sois desde este instante a Nossa Senhora do Bom Sorriso . . . Ah como sois bella! como sois perfeita! . . .”

Meo orgulho, eu o matei, mas elle disse-me estas palavras que te digo . . .; não sou vaidosa por tel-as ouvido, fui apenas compadecido para quem as disse.

EGREGOR

E a santa abandonou o altar para diluir-se no meio das mulheres ...

ATMA

Pode-se ser bemdita entre as mulheres ...

EGREGOR

Não, entre as mulheres, hoje, não. Outr'ora a mulher sabia apenas orar, chorar, sorrir, amar ... tinha nos lábios a imagem supplicante de um beijo na falla um poema molhado de lagrimas, no olhar uma prece muda e irresistivel, em toda sua floração feminina um prodigio de graça delicada ... Era o que te contava fazer ... Hoje é a mundana complicada, artificial, aprendeu o canto das sereias, destilla do labio fel que queima, no olhar ha chammas atrozes, no corpo vertebrações de serpente, ensopada de lascivia, ardendo e deixando tudo em cinzas após si ... É a sorte que invejas ...

ATMA

Mas o Amor a depura de todas as maculas ...

EGREGOR

Não, o amor dos homens é uma peste corruptora. É com'um oxydo mordendo uma lamina polida para corroel-a... És hoje esta lamina espelhante... depois o amor embaciará para sempre a superficie limpa... para sempre...

ATMA

Onde aprendeste tanta palavra aspera?

EGREGOR

Na vida... o coração m'as ensinou a preço de muitas lagrimas... A alma de tua mãe me disse em sonho, chorando: "a desgraça se approxima." Olhei e vi-a que caminhava...

ATMA

Deus a varrerá de nosso caminho...

Desfila a reticencia de um silencio...

EGREGOR, olhos no céo.

Permitti Senhor que eu minta! Digam-te os anjos: amen! amen!

ATMA

É preciso esquecer as apprehensões tristes... É quasi noite... ficas ainda?

EGREGOR

Eu preciso interrogar o silencio.

ATMA sae de um passo lento. A noite cae completa...

EGREGOR, só, passeia tristemente, pensando ainda em seo mal immedicavel.

Tel-a até hoje amimado como ao sonho mais bello de uma existencia inteira, plantado em su'Alma uma fé robusta, uma bondade san, sanear-lhe todos os instantes de idéas limpas, sem lhe deixar doer um só espinho da vileza mundana, envolvel-a de um desvello constante para que nunca a audiencia de uma palavra má, a contemplação de um acto impuro a ferisse duramente, viver alentado desse encanto que a perfuma, e depois... ter de entregal-a fatalmente a um ser máo, egoista, brutal, polluido pelos

attractos envilecedores, que lhe soube apenas mentir, para manchal-a de seo contacto animal e rir-se depois ensoberbecido desse triumpho . . .

Ah! esse amor que ella sonha, allucinamento luarento que se agita avoejando na ignorancia das virgens puras, que lhe embalsama instantes tão doces, pobre filha, para quem ergue os braços, é uma dôr, goso brutal, envenenado, infecto.

Os braços que esperas em teo sonho para abraçar a tu'Alma hão de apenas neste espasmo animal, bruto e nojoso, o amor dos homens, unico comprehendido por elles, cingir-te como serpentes de ferro o corpo immaculado para apertal-o e corrompelo dolorosamente . . .

Dessa violencia que é o sonho da humanidade inteira ha de a flor de tua carne resurgir fanada, doída, macerada, e tu'Alma branca, pobre Alma despedaçada, ferida em sua illusão mais santa, o sonho esvaído de um amor puro, sentirá a dôr alanceante dos que se veem para sempre, irremediavelmente perdidos. Onde se nimbavam brancuras de arminho, estam-

par-se-á a macula indelevel dessa sujidade humana. Onde mais a fé dessa bondade que te dei, a doce ignorancia da vileza mundana, a pureza immacula de teos sonhos? Elles lá irão num tropel vertiginoso, sumindo-se de ti e os teos braços hão de se cançar fatigados de chamal-os; todas as tuas lagrimas serão poucas para obteres a volta de um só delles... E se desse embate resistires, o fermento do mal em ti lançado, degradará perversamente todo o resto de tua pureza poupada, e aviltada, impura serás a companheira digna do amante lascivo, aprenderás a mentir, irás te juntar a esse exercito copioso do vicio a quem a sociedade dá impunemente a liberdade para prostituir-se uma vez a travesse a porta desse alcouce—o casamento. É a prostituição legal, feita com o cerimonial ridiculo e cynico que perdoa as torpezas uma vez consagradas pelos codigos. Ha mais pureza na mulher que cede e que se entrega ignorante a um homem que lhe mentiu, que nesta comedia torpe em que um malfeitor toma a liberdade e a sociedade o sanciona, de inficionar

uma vida, conspurcal-a da mais negra impureza e jungil-a depois, pulsos arroxados, para leval-a victima indefeza a esse altar de sacrificio e immolal-a, barbaro holocausto, a sua luxuria. Ha mais pureza na mulher que se vende e no infame que compra, porque lhes ensinaram este commercio abominoso que neste outro caso que as leis do homem, a tyrannia do macho, regularisam, porque ahi ha tambem commercio infame de ouro que compra ou de lagrimas que são o preço de violencia porém mais hypocrisia, mais farça, mais mentira, mais regulamentos, mais formulas ...

E legiões sobre legiões passam, assistem a estas torpezas, applaudindo-as como a maioria ou se resignando mudos á fatalidade desse crime.

Vós todos que tendes filhos, paes, que tendes até hoje feito para poupar esse pedaço querido de vossa vida para que não se pollúa como fostes manchados?

Irmãos, que vale a santidade de vosso affecto se sois impotentes para lutar contra a sociedade que vos arrebatá o alvo de vosso culto?

Doces mães, de olhar languido e choroso, capazes de lutar com bravura pela guarda desses anjos que vos cahiram dos ceos, porque num momento consentis que vos venha um estrangeiro roubar a flor de vosso affecto, para esmagal-a com sua violencia, com sua infamia e cuspir uma nodoa de lama sobre a Alma que fizestes santa? Ah, sois fracos! mentem-vos! e enganados ou temerosos, acompanhades a onda que vos avassala...

E hei de eu vel-a infamada, impura, soffredora?

Um rictus cruel
rasga-lhe os labios.

Não ... antes morta!

V

O vos omnes qui transitis per viam, attendite,
et videti si est dolor sicut dolor meus.

Lamentationes Jeremiae,
Caput I, 12.

Vem se fazendo
noite. A ultima
tinta violeta do cre-
pusculo esbate-se
diluida num oceano
de sombra que rola
submergindo tudo.
Contornos se apa-
gam, formas se dis-
solvem, perfis se in-
certam, somem-se
na treva invasôra as

figurações das coisas.

Pelo espaço, no azul retincto, passam rapidas, tremulas, imagens indecisas de luzes.

Depois, um phareiro invisivel vae lentamente, desordenadamente, accendendo o alampadario das constellações. As pontuações luminosas, numa scintillação precipitada dão á paizagem sideral um aspecto febril e allucinado. Só a pupilla clara de Vesper tem para a Terra Triste um olhar de infinita doçura.

A Alma de ÉGREGOR se entenebrece na effusão communicativa da Alma universal. Rolam na mente insana fragmentos dispersos de idéas doidas.

EGREGOR

Contingencia terrível das coisas ...
incoherencia mysteriosa do Destino ...
Vem a Imaginação armando um castello de sonho e vem a Fatalidade após desfazendo, um a um, os entravamentos subtis de nossos planos, aniquilando, arrazando, subvertendo, mão iniqua, na contradita violenta de todas as nossas futurações.

Que sinistros designios trouxe o homem ao surgir, que traição formidável lhe prepara em cada hora, em troca da penuria de existir o implacavel Destino?

Quando hade o homem libertar-se dessa sujeição ominosa que o escravisa ao maior jugo que ainda existiu?

Em que dia de raivas negras te gerou o inferno, dominador dos homens, para vingar-se com um flagello estupendo de cada pequenina alegria abrolhada na Terra?

Morrer ... ah supremo refugio, Morte amiga, mãe terna que nos acolhes cariciosa, branda, sem queixas, sem exprobações, silenciosa, doce ... Como a Vida seria mil vezes mais luctuosa, se tu, grande consoladora, não exis-

tisses neste extremo do soffrimento humano! É preciso morrer, morrer a tempo. Entre as mais bellas coisas da Vida está a Morte Opportuna. Logo que se tenha attingido a perfeição, antes que a degradação comece. Se se colhessem os fructos sazonados, não apodreceriam. Ha na vida do Corpo e da Alma esta florescencia radiosa, esta maturidade feliz; esta decomposição nefasta . . .

Batedores de luz, numa precessão diamantina de astro, annunciam num clarão extenso, um luar merencoreo. A lua timida vae lenta e fria surgindo aureolada de um halo gigantesco. Vão se apagando estrellas pallidas além. Um feixe louro de luz, coado pelo enfolhamento das laranjeiras, illumina suavemente o semblante de ATMA, adormida, numa postura ange-

lica, em um banco de pedra, na sombra, sob as folhas ciciantes. A debil claridade destaca o vulto branco na perfeição harmoniosa de um contorno impeccavel.

Sonha talvez. Na fronte serena e pallida estende-se um véo de felicidade.

Dominado pela rudeza inflexivel e calma de uma decisão inabalavel EGREGOR se aproxima e contempla-a extactico, longo tempo, silenciosamente. Na mente conturbada ermam cogitações passadas.

EGREGOR

Pois que és perfeita, deves morrer. A morte é sempre a integração de uma vida mesmo quando ella tenha sido completa e attingido a perfeição ideal.

És minha obra, fiz-te uma perfeição humana como nunca sonharam as mentes enfebrecidas dos grandes poetas; nunca o cinzel de um estatuário viu surgir do marmore a realisação de seo idéal, como tu foste do meo; a tincta em tela alguma tracejou ainda uma linha que lembrasse o magico encanto que te circunda; a harmonia de teo ser incomparavel só a podia crear um grande amor. E pois que te dei a harmonia da musica divina, a claridade immortal que te illumina, que te insculpi imagem viva de meo sonho e meo amor e te infiltrei a essencia preciosa e incorruptivel de grandes pensamentos, fazendo-te ignorar todas as sanies que azinhavram a natureza humana, devo agora abandonar-te á furia iconoclasta de barbaros embriagados, que te hão de conspurcar irreligiosamente, carvoando-te a pureza com um contacto irreverente?

Dos labios entreabertos de ATMA foge docemente um sorriso, aclarando o seo sonho.

EGREGOR contem-

plando-a, sempre
enlevado.

Teo corpo tem a santidade dos sacerdotes, é um templo de uma sumptuosidade magnifica e divina que só a contrição da prece não poderá offender; tu'Alma, um jardim secreto hórto concluso, cheio de sombra e mysterio, onde florescem os junquillos e as rosas, os myrtos e os rainunculos, as anemonas e as hortencias, onde psalmodiam fontes de aguas vivas, rythmos de uma ensonancia limpida e perfeita, onde voam nas auras amigas todos os perfumes exquesitos das flores dispersas, symbolos de pensamentos variados, perfeitos, harmoniosos, odorantes.

E deve o mansionario do Templo consentir que mãos impuras violem a intangibilidade mystica do sanctuario e o guarda do Jardim Sagrado que a impiedade arranque as flores crescidas para coroar uma bella existencia e transmude-as em grinaldas de bacchante, entecidas para a pollução de uma noite na insania festival de um mysterio dyonisiaco?

Não, não serás profanada: passarás

intacta, immaculada, perfeita, á perfeição da Morte, a consoladora suprema de toda tristeza terrena, que te abrigará em seo grande ventre de mãe e te preservará de todas as infamias humanas

A mão firme numa impulsão irremovível, instilla nos labios semi-abertos uma essencia fatal...

Uma nuvem vela a face do luar e passa instantaneamente. E o semblante de ATMA, sorridente e feliz illumina-se de um esplendor novo.

Tecem os raios do luar na teia delicada de sua cabelleira loira um poema de graça infinita, o estema de oiro das santas felizes. Mais pallida, sempre mais pallida, immaterial, imponderalisada, um sorriso de bemaventurança ungingo san-

tamente o labio, vae se seraphisando lenta, lentamente . . .

Desprendido de si, alheiado á effectividade real, EGREGOR vae seguindo o caminho da morte nesse rosto feliz, que é o de sua filha, immovel já, já sem vida

O momento tragico traz lhe a percepção nitida de sua insanavel miseria.

EGREGOR

Miseravel! Miseravel! matei minha vida! . . .

Um grito rasgante precede o baque surdo de um corpo em terra.

Expunge-se o luar numa treva densa. Uma lagrima de luz esfia-se silentemente pela face condoi-

da do ceo, enxugando-se na bruma infinita do espaço, e um traço de phosphoro guarda por instantes a memoria desse pranto pela miseria terrena . . .

Um vento frio, amante louco, vae despindo as arvores enfuriadamente. E uma paz lobrega cae da noite tragica para amortallar o mundo

Só as Horas, vigilantes, passam

Desce dos céos, concavo de uma taça profunda e inexaurível, uma quietude infinita para o canção e o esgotamento dos entes soffredores da Terra. Sombras phantasticas deslisam no escuro ao longe.

EGREGOR assenta-

do numa pedra, a
cabeça entre mãos,
rememora a vida
cruel ...

As sombras des-
filam uma a uma
na escuridão.

EGREGOR

Quem sois? ... Para onde ides?

As palavras caem
profundas no silen-
cio da noite e a paz
lhes succede.

EGREGOR

Quem sois? ... Para onde ides?

Vozes enterradas
na treva.

Os Revoltados ... Para o Paiz da
Reivindicação ...

EGREGOR

Os Revoltados ... Para o Paiz da
Reivindicação ...

As sombras con-
tinuam a se perder
na noite profunda.

EGREGOR a uma
sombra que se avi-
sinha.

Quem és!

PRIMEIRA SOMBRA

Um homem a quem negam a liber-
dade de pensar e dizer a verdade...

EGREGOR

E tu?

SEGUNDA SOMBRA

Um que tem fome e sede de justiça;
vou procurar o mundo em que a consi-
ciencia do juiz não trema das amea-
ças da força.

EGREGOR

E tu agora... donde vens?

TERCEIRA SOMBRA

Um forçado, fujo da Siberia, pre-
mio que me deram por aninhar no
peito o sonho de uma patria livre.
Vou buscar a liberdade politica.

EGREGOR

Quem és?

QUARTA SOMBRA

Sou a mulher; procuro no futuro uma redempção ao jugo mais pesado que ainda existiu, que vem da primeira mulher e passará além de mim.

EGREGOR

E tu sombra encurvada?

QUINTA SOMBRA

Um que envelheceu no estudo da natureza e a quem a falsa sciencia apedreja e insulta.

EGREGOR

Quem és, tu que passas?

SEXTA SOMBRA

Um christão; deixei nos templos os escribas e os phariseus, vou procurar a minha crença perdida. Ainda acharei o látego do nazareno? Afugentarei ainda os mercadores da fé?

EGREGOR

Tu agora, phantasma triste...

SETIMA SOMBRA

Uma perdida, pobre carne que a

Rosa mystica.

sensualidade explora e a moral chama
uma chaga necessaria.

EGREGOR

Falla, falla . . .

OITAVA SOMBRA

Sou judeo; a intolerancia religiosa
de um seculo livre expelliu-me do
mundo.

EGREGOR

E tu, sombra que passas?

NONA SOMBRA

Sou um operario que o capital ex-
plora e deixa morrer de fome. Espero
a egualdade economica.

EGREGOR

Falla, quem és?

DECIMA SOMBRA

Um condemnado, victima da impie-
dade humana; suppoem-me a liber-
dade de querer e perseguem-me pelas
falhas de uma natureza madrasta. Não
seria melhor matarem-me que deixar
apodrecer numa gehenna?

EGREGOR

Que soffres, dize . . .

UNDECIMA SOMBRA

A tyrannia do Estado não me permite a liberdade de não crer; querem me deformar a alma.

EGREGOR

Tu que te arrastas, falla.

DUODECIMA SOMBRA

Sou um doente, fujo de um hospital, busco a equidade san depois de ter sentido o insulto de uma caridade humilhante . . .

EGREGOR

Que dôr te opprime?

DECIMA-TERCEIRA SOMBRA

Fujo dos exercitos, sou soldado, deram-me um'arma de guerra para manter a paz ou para matar irmãos . . .

Passa o grupo tragico das Sombras . . .

EGREGOR

Vão-se todos . . . Revoltados . . . Para

o Paiz da Reivindicação ... Pela Paz, pela Justiça, pela Equidade, pela Verdade, pela Liberdade Política, pela Igualdade Economica ... mas ninguem vae pela Fraternidade Moral ... Devia ir eu, a victima, devia ir eu ...

... miseravel velhice que roubas até o alento para a lucta. Eu sou o mais miseravel de todos. Não ha dôr que se compare á minha ... não poder mais nem luctar ... morrer inutil ...

Miseravel ... miseravel ... que vida mesquinha! ... só resta morrer ...

Abraça e beija
convulsivamente o
cadaver gelado de
ATMA.

Uma voz enterra-
da na sombra ...
ao longe ... na noite
infinita.

Estou morto ... minh'Alma morreu ...
meo coração morreu ... perdi minha
vida ... Ai quem achará minha vida,
quem tem mizericordia de mim?

EGREGOR esten-
dendo o olhar na
treva.

É elle! É elle! É o Desejo damnado ... A carne tem fome ... a fome faz delirar ... o desejo endoidece ...

Olhando mais alucinadamente.

Vae com os braços levantados para os ceos. A carne deve penar para lavar-se ... Salvei-a! Salvei-a!

Uma paz infinita.
Perde-se no além
uma voz desmaiando.

.... morto morreu minha vida ... miserere! ... miserere!

EGREGOR doido
abraçado ao Cada-
ver de ATMA.

Salvei-a! ... Salvei-a! ... Filha! ...
Filha! ... Atma! Atma! ...

Um echo lugubre
perdido na immensidade da noite.

Atma! ... Atma! ...

ELVCIDARIO

HYMNARIO

Este livro é o primeiro canto de um Hymnario em glorificação á Mulher, a este Omnipotente Feminino, o unico Deus que adoro, o Espirito Santo do Mundo, deante do qual eu e os outros somos apenas a carne vil que apodrece. Celebra-se neste preludio a Divindade da Mulher Virgem. Seguir-se-ão os outros hymnos da tetralogia:

Myrto Enamorado, Regina é uma admiravel iniciada no Culto são e nobre, Eros e Aphrodite semeando o amor em todos os dias de sua vida. O hymno triumphante entoado por esta mulher, cujo labio é uma irresist-

tivel provocação e cuja nuca é um ninho quente de inextinguível sensualidade, floração aromada da carne, será a glorificação da Mulher amante.

Liz Impolluto, iris no ceo claro, Romana, será uma visão mirifica, divinamente humana, cuja aureola iluminará uma apotheose á Mulher Mãe.

Victoria, o Loiro Fructescente, é o ideal da Mulher futura, mixto prodigioso de essencias preciosas; serena e magestosa como uma das feições da deusa grega, Pallas Athene, onnipotente e omniprevidente como a Mulher forte das Escripturas, será sempre uma mulher, amphora plena de todos os balsamos, pyxide immaculada onde se acolherão as aspirações mais sublimadas e de onde sahirão as alegrias mais robustas.

Terá como Santa a Alma virgem, como Regina terá a religião do amor e passará, Mãe Fecunda. Liz Impolluto, como Romana, Conselho Illuminado, alento constante, através da existencia. Victoriosa e triumphante, em cada momento da vida semeará sobre o mundo uma alegria vivaz, uma felicidade imperecível.

ROSA MYSTICA

Longo tempo cogitei indeciso como deveria baptisar este meo sonho. Por fim acudiu-me a memoria um distico de uma litania ouvida outrora em um Templo e depois tantas vezes lida nas paginas sagradas dos Antiphonarios, em que a Virgem era chamada Rosa Mystica.

Pareceu-me admiravel este conjuncto em que uma palavra immaterial, feita da névoa aromada do incenso e da alvura intacta das hostias qualificava a mais carnal das flores, a que melhor symbolisa a flammula de uma paixão vehemente.

Elle traduz inteiro meo sonho. Atma como a outra Virgem, flôr do Templo é Rosa, mas rosa que não se deve polluir.

A physiologia proteste embora, não se póde conceber um cimo ideal de pureza mais alto que o da Virgem Mãe, alvura immanchada de uma, coroadada por scintillações inapagaveis da aureola da outra, sem a transição impura por um amor indigno.

Fôra assim Atma outr'ora: hoje que não baixam mais a Terra os anjos, Atma devia morrer.

Se ahi ha um cahos de imprecisão da notação das formas, se a palavra nem sempre é justa, se aqui ha demasias, para além surgirem lacunas, não me importa, pois os sonhos nem sempre tem o dom precioso da ordem e da clareza: são de si sempre vagos, muitas vezes imprecisos, algumas incoherentes.

A obra de arte deve para durar e para seduzir offerecer uma dupla condição, ter uma idéa que a robusteça como alma, e uma forma que a incarne, vestindo-a exactamente como o corpo. Da deshavença destes dois factores, da ascendencia de um sobre o outro, resulta um producto monstruoso, destinado a não viver e a não seduzir, ou a durar mas a não agradar ou ainda a agradar mas para morrer ephemeramente. Sem uma idéa que anime a forma é ouca, sem uma forma que vista a idéa é aspera e intransmissivel.

Sei bem que escrevo para poucos; não me lastimo, antes me ufano porque sei mais ainda que o Culto do Symbolo é Religião para alguns Iniciados, Arte Esoterica incompreendida por difficil, preciosa e por isso desprezada pelo vulgo profano.

FIGVRAÇÕES

Para incarnar idéas simples escusam-se palavras complicadas. Busquei-as despreoccupadamente. Se outros nomes melhor lhes ajustam, chrismem-as a seo talante os que me comprehenderem. A mim me bastam as idéas que os animam: Alma, ignorante confiança dos Puros, santa e immaculavel... Sentimento, conselho amigo, desvellado e previdente... Desejo, atormentação diabolica da carne, poluta e miseravel, mentindo para vencer.

Egregor é o espirito de todos os tempos que soffreu o passado mas que entreviu o futuro; alma contradictoria de homem tem por vezes as fraquezas de uma syncope pessimista para elan-

çar-se depois na subjectivação de uma arroubada idealidade; se tem um passado negro de dôres e soffrimentos necessarios soube tambem crear um prodigio de graça, um esboço de mulher, previsão de um futuro magnifico.

Atma, a mulher do futuro, inopportuna num tempo de degradação, só podia degradar-se ou morrer.

Nehem, o homem de hoje, um demonio corruptor deve expiar o mal que espalhou pelo mundo immerso na furia da loucura até o anniquilamento final.

Egregor reapparecerá, lavadas todas as máculas do espirito antigo, enrobados todos os valimentos do prestigio novo.

Atma, inopportuna hoje, renascerá amanha na mulher ideal para rir a felicidade na Terra.

Só elle, o damnado ficará definitivamente morto na gehenna que recebeu: sobre o Mundo o Homem Novo e a Mulher Idéal, fortes, serenos, sobrehumanos cantarão o hymno colossal da Victoria na Terra.

Pag. 44.

Em Gabriele d'Annunzio, o Magnífico, passa no *Trionfo della Morte*, essa epopéa divina do Amor o da Duvida, uma idea irman.

Pags. 62, 66.

São Francisco de Assis osculou os labios ulcerados de um lazaro no valle de Spoleto e diz a lenda que o curou.

Pag. 67.

Digo de Emile Zola, o Novo Christo, o Christo da Justiça, que escreveu esta Biblia mais verdadeira que a outra—*Paris*.

(Terminou a impressão a 20 de Junho de 1900.)

IMPRESSO POR F. A. BROCKHAUS, LEIPZIG.